

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE LETRAS

RAFAEL MARCOS TORT PEIXOTO

**O FENÔMENO (DE)QUEÍSTA NO *CORPUS* DO PORTUGUÊS BRASILEIRO
ACADÊMICO**

Porto Alegre
2015

RAFAEL MARCOS TORT PEIXOTO

**O FENÔMENO (DE)QUEÍSTA NO *CORPUS* DO PORTUGUÊS BRASILEIRO
ACADÊMICO**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul como requisito para a obtenção do grau de mestre.

Orientadora: Profa. Dra. Cristina Becker Lopes Perna

Porto Alegre
2015

Primeiramente, dedico esta dissertação aos meus pais e irmão que com muito carinho e dedicação sempre me apoiaram na vida acadêmica: verdadeiros exemplos de fé e perseverança que me inspiraram e incentivaram em momentos tortuosos. Mais do que uma família, foram meus amigos.

AGRADECIMENTOS

Durante todo o percurso de estudante em busca de novos aprendizados, conheci pessoas maravilhosas que marcaram a minha vida e sempre serão fontes de inspiração em minha carreira profissional.

Na PUCRS, sinto-me lisonjeado por ter sido orientado pela Profa. Cristina Becker Lopes Perna, que sempre se mostrou presente e companheira durante todo o meu programa de mestrado. A chave principal e sem a qual não teria saído a presente dissertação.

Aos grandes amigos de graduação e pós-graduação - Simone Foscarine, Francielle Piper, Aline Stawinski, Francielle Castilhos, Joseane Cavion, Ieda Fabris, Maria Lúcia Garbine - o meu mais do que especial agradecimento por todos estes anos de caminhada, nos quais sempre tive a amizade e o carinho de vocês para vencer tantos obstáculos do curso que nos deixam agora orgulhosos neste momento único, a finalização de mais um ciclo acadêmico.

Aos professores que me incentivaram diretamente, ou indiretamente, para seguir a carreira acadêmica e que tenho um profundo respeito e admiração como profissionais e pessoas. São eles: Maribel Castilhos, Vera Mello, Erica Schultz, Adriana Rossa, Leci Barbisan, Pedro Theobald, June Campos, Cristiane Killian, Gilberto Scarton e Sérgio Menuzzi.

E finalmente, agradeço ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pelo suporte financeiro durante o curso de mestrado.

Romanceiro LIII ou das palavras aéreas

Ai, palavras, ai, palavras,
que estranha potência, a vossa!
Ai, palavras, ai, palavras,
sois de vento, ides no vento,
no vento que não retorna,
e, em tão rápida existência,
tudo se forma e transforma!
Sois de vento, ides no vento,
e quedais, com sorte nova!
Ai, palavras, ai, palavras,
que estranha potência, a vossa!
Todo o sentido da vida
principia à vossa porta;
o mel do amor cristaliza
seu perfume em vossa rosa;
sois o sonho e sois a audácia,
calúnia, fúria, derrota...
(MEIRELES, 1977).

RESUMO

O objetivo do trabalho é evidenciar o fenômeno (de)queísta no Português Brasileiro acadêmico. Utilizaremos a linguística de corpus como metodologia, uma vez que interpretaremos dados como frequências de usos e agrupamentos lexicais para que montemos tabelas e gráficos estatísticos. A fonte dos dados está no *Corpus do Português Acadêmico*, que contém um apanhado de textos já publicados como livros, materiais didáticos, revistas de graduação e pós-graduação. Uma das finalidades da pesquisa é mostrar tendências contemporâneas no uso do fenômeno na escrita acadêmica: como, porquê e onde ele é mais utilizado. No decorrer do trabalho, descreveremos o fenômeno de modo empírico, observando como a sintaxe, semântica e a pragmática o entendem, a fim de buscar informações para explicar o porquê dessa tendência e motivação em Língua Portuguesa Brasileira Acadêmica.

Palavras-chaves: Português brasileiro acadêmico. Elipse da preposição *de*. Queísmo. Dequeísmo.

ABSTRACT

The main goal of this paper is to present the phenomenon (de)queísta in the academic Brazilian Portuguese. We are going to use the Corpus Linguistics as a methodology, since we are going to interpret some data like usage, frequency and clusters in order to assemble some statistic data and excel tables. The data source is in the academic Brazilian Portuguese *Corpus*, which encompasses some published materials such as books, course books, graduate and postgraduate journals. The purpose of this research is to demonstrate some current tendencies in the use of this phenomenon in academic writing: how, why and where it is used. Throughout this paper, we are going to study the phenomenon empirically, observing how syntax, semantics and pragmatics understand it in order to search for information to explain why this tendency occurs and what motivates its usage in academic Brazilian Portuguese.

Keywords: Academic Brazilian Portuguese. Elision of the preposition *de*. Queísmo. Dequeísmo.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 01 – Análise da Sentença.....	18
Quadro 02 – Oração analisada segundo a perspectiva funcional	19
Quadro 03 – Legenda para Cabeçalhos do CPBA.....	40
Quadro 04 – Divisão de áreas do CPBA	42
Quadro 05 – Dados do CPBA	44
Quadro 06 – Verbos com a Transitividade Direta.....	45
Quadro 07 – De Que nas Completivas Nominais.....	47
Quadro 08 – O Uso de Dequeísmo na Ciência Social	49
Quadro 09 – O Uso de Dequeísmo na Saúde.....	50
Quadro 10 – O Uso de Dequeísmo na Área da Informática.....	50
Quadro 11 – O Uso de Dequeísmo na Área da Comunicação.....	51
Quadro 12 – Ocorrências do <i>Cluster de que</i>	55
Quadro 13 – Ocorrências de Dequeísmo	55
Quadro 14 – Verbos com a Transitividade Direta.....	65
Quadro 15 – Sentenças Completivas Nominais	66
Figura 01 – O processo de Legendagem do CPBA	40
Figura 02 – O <i>AntConc 3.2.4w</i> em Funcionamento.....	43
Figura 03 – O De Que com Substantivos Modalizadores	59
Figura 04 – O De Que com o substantivo <i>Hipótese</i>	60
Gráfico 01 – Usos do Dequeísmo nas Áreas	56
Gráfico 02 – Dados Disponíveis no CPBA	57

LISTA DE SIGLAS

CPBA – *Corpus* do Português Brasileiro Acadêmico

GF – Gramática Funcional

GT – Gramática Tradicional

LE – Língua Espanhola

PB – Português Brasileiro

PBA – Português Brasileiro Acadêmico

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 CONSIDERAÇÕES SOBRE O QUEÍSMO E O DEQUEÍSMO	12
2.1 QUEÍSMO E DEQUEÍSMO	12
2.2 O QUEÍSMO NA PERSPECTIVA NORMATIVISTA	14
2.3 LIMITES DA SUBORDINAÇÃO	18
2.4 SIGNIFICADOS SEMÂNTICO-FUNCIONAIS	19
2.5 A MOTIVAÇÃO SEMÂNTICA	24
2.6 A FUNCIONALIDADE DO (DE)QUEÍSMO	31
2.7 ADEQUAÇÃO E SINTAXE	33
2.8 CONSCIÊNCIA SINTÁTICA E SEMÂNTICA	34
3 O CORPUS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO ACADÊMICO	36
3.1 A HISTÓRIA DO <i>CORPUS</i> DO PORTUGUÊS BRASILEIRO ACADÊMICO	36
3.2 A SELEÇÃO DO MATERIAL PARA O CPBA	37
3.3 A COLETA DO MATERIAL PARA A INSERÇÃO NOS <i>CORPORA</i>	39
3.4 A LIMPEZA DOS <i>CORPORA</i> E AS CLASSIFICAÇÕES	41
3.5 EVIDÊNCIAS DE QUEÍSMO OU DEQUEÍSMO NO CPBA	42
3.6 O QUEÍSMO ENCONTRADO NO CPBA	44
3.6.1 <i>GRUPO 1: VERBOS + QUE</i>	45
3.6.2 <i>GRUPO 2: COMPLETIVAS NOMINAIS</i>	46
3.7 O DEQUEÍSMO ENCONTRADO NO CPBA	47
4 RESULTADOS E ANÁLISE	53
4.1 OS DADOS ENCONTRADOS NO CPBA	54
4.2 ANÁLISE QUANTO À TRADIÇÃO NORMATIVA / FUNCIONAL	57
4.3 QUANTO À SUBORDINAÇÃO	61
4.4 QUANTO AO SIGNIFICADO	62
4.5 QUANTO À MOTIVAÇÃO SEMÂNTICA	64
4.6 QUANTO À FUNCIONALIDADE E À ADEQUAÇÃO	66
4.7 QUANTO À CONSCIÊNCIA SINTÁTICA E SEMÂNTICA	67
5 CONCLUSÃO	70
REFERÊNCIAS	72

1 INTRODUÇÃO

O fenômeno dequeísta ou queísta nada mais é do que o estudo da preposição **de** diante de um pronome relativizador **que** em uma relação de complementização. Esse fenômeno é encontrado na construção de orações subordinadas, completivas nominais ou objetivas indiretas, em virtude do uso do nexos preposicional.

O trabalho foi desenvolvido, basicamente, em cima de três perguntas chaves. São elas:

- A) Existe o dequeísmo no texto acadêmico?
- B) Há uma elipse da preposição em contextos queístas em sentenças completivas nominais?
- C) Há um padrão, em Língua Portuguesa Brasileira Acadêmica, no uso do (de)queísmo?

A fim de respondê-las, utilizaremos como referencial teórico básico a obra de Mollica (1995), *(De) que falamos?*, Começaremos os estudos partindo de uma definição e exemplos para elucidar as diferenças entre queísmo e dequeísmo. Após, explicaremos a preposição **de** e a questão de complementação na perspectiva normativista da língua portuguesa, a questão da subordinação, significados semânticos da preposição e uma noção de adequação partindo de um pressuposto mais semântico-pragmático.

Evidentemente que o referencial teórico estará atrelado ao trabalho no sentido de dar embasamento às análises, tanto no quesito estrutural quanto na questão do significado e em quais situações o fenômeno é comumente aplicado.

Ao longo da dissertação, trabalharemos com a busca de dados em um *corpus* especializado em escrita acadêmica brasileira. Esse corpus foi compilado na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, no grupo de pesquisa UPLA, inserido no Programa de Pós-Graduação em Letras. O *corpus* é composto por textos publicados em revistas e materiais didáticos voltados ao mundo acadêmico de norte a sul do país.

Discutiremos aspectos da construção do *corpus*, limpeza e seleção dos materiais envolvidos na pesquisa: ou seja, o processo que permitiu o levantamento

de dados de forma acurada, passo a passo, para a montagem das tabelas, gráficos e quadros para a estatística.

Para melhor evidenciar todo o processo do (de)queísmo e mapeá-lo - buscando os contextos onde ele ocorre - usaremos as ferramentas da linguística de *corpus*. Estudaremos o fenômeno nas produções textuais de alunos e professores dos programas de graduação e de pós-graduação de algumas universidades brasileiras. Procuramos variar também o tipo textual, escolhendo textos das mais diversas áreas para a construção do *Corpus* do Português Brasileiro Acadêmico.

Ainda na terceira parte, discutiremos os dados obtidos estatisticamente, a fim de propiciar um embasamento para delimitarmos a frequência com que o (de)queísmo ocorre, bem como os mais possíveis agrupamentos lexicais nos quais o (de)queísmo pode ocorrer, e seu provável, ou não, apagamento ou elipse.

Na última parte do trabalho, discutiremos os dados levantados, propondo um novo olhar para o fenômeno dentro do gênero acadêmico. Deixamos claro que o objetivo na presente pesquisa não é o de normatizar a língua, e sim evidenciar as tendências de acordo com o uso feito pelos brasileiros em nível acadêmico.

Os estudos até o presente momento sobre (de)queísmo no português brasileiro acadêmico escrito parecem escassos, o que, mais uma vez, justifica futuras pesquisas acerca do tema para que novos escritores tomem uma certa consciência linguística sobre o assunto para não o utilizarem de forma inadequada.

Os resultados da pesquisa servirão para complementar um livro didático de redação acadêmica brasileira, uma vez que quase não há materiais desse gênero de escrita no Brasil, buscaremos propiciar aos alunos de graduação e pós-graduação um referencial sobre o tema.

2 CONSIDERAÇÕES SOBRE O QUEÍSMO E O DEQUEÍSMO

Ao relacionarmos sentenças em língua portuguesa, geralmente utilizamos conectores como o **que** a fim de darmos continuidade à primeira oração. Como por exemplo:

- 1) Raul achava **que** o João viria.

O conector utilizado na frase do exemplo 1 estabelece uma relação de complementação entre o verbo *achar* e o objeto ao qual o verbo está ligado.

De acordo com Mollica (1995), o (de)queísmo é um processo sintático do sistema preposicional do Português do Brasil (doravante PB) que é caracterizado pelo emprego, variável ou não (no caso de elipse), da preposição **de** diante de um **que** como complementizador verbal ou nominal.

A variação em PB reflete a flutuação pela qual um sistema de língua passa; para ser mais específico, a movimentação que ocorre nas estruturas preposicionais da PB.

Caracterizando-a de forma bem sucinta, conforme Mollica (1995), a variação consiste na possibilidade de empregar, ou não, a preposição **de** diante de **que** numa relação de complementação entre um verbo, nome, adjetivo ou expressão na matriz, com uma oração subordinada introduzida pelo complementizador ou relativizador **que**. A referida variação pode ocorrer também no interior das locuções conjuntivas, com a função de conectar enunciados sentenciais.

Vejamos agora as definições mais específicas do fenômeno (de)queísta e alguns exemplos pertinentes ao trabalho.

2.1 QUEÍSMO E DEQUEÍSMO

Independente de qualquer que seja o contexto estrutural em que acontece o fenômeno variável em questão, há uma tendência pela parte da gramática tradicional (doravante GT) de manter a preposição antes do complementizador quando necessária.

Sendo assim, nos contextos em que a norma prevê ou prefere o uso da preposição **de**, a presença ou ausência da preposição leva o nome de queísmo;

naqueles em que a norma proscreeve (proíbe) completamente o uso da preposição **de**, a sua presença recebe o nome de dequeísmo (MOLLICA, 1995).

Considere os exemplos:

2) Estou com a impressão **de que** o senhor é candidato ao governo.

3) Tenho a certeza \emptyset^1 que entre mim e o povo há muita coisa boa em comum e \emptyset que nós nos daremos muito bem.

Como pode ser observado nos exemplos 2 e 3, a variação consiste na presença ou na ausência da preposição **de** diante do **que** como introdutor de uma oração subordinada completiva nominal. A maioria dos autores normativistas recomenda o uso da preposição quando necessária, como é o caso da sentença 2. Veremos mais sobre essa recomendação nos capítulos a seguir.

Outra observação importante é que o fenômeno também ocorre em Língua Espanhola (doravante LE), como nos trabalhos de Rabanales (2005) e Serrano (1998) e, assim como em PB, leva o nome de (de)queísmo.

Já o outro tipo de alternância ocorre em exemplos como:

4) Eu poderia provar para o povo **de que** houve fraude nas eleições passadas.

Aqui temos a preposição **de** ausente ou presente no papel de introdutor de uma oração subordinada substantiva objetiva direta. Segundo a tradição gramatical, o emprego da preposição **de** é absolutamente proscrito em 4, pois o verbo da matriz é transitivo direto e não admitiria nexos preposicionais.

A existência dessa variação não é geralmente muito enunciada, nem nas gramáticas normativas nem em estudos linguísticos descritivos sobre a PB, porém vem sendo estudada muito em LE da América Latina e da Península Ibérica (MOLLICA, 1995. p. 13).

De um lado, podemos considerar que tanto o queísmo quanto o dequeísmo podem ser considerados como processos variáveis distintos: se entendermos que nas frases 3 e 4 há elipses dos nexos preposicionais, e que nas frases 4 e 5 há uma “intromissão” da preposição **de** que não estava prevista pelo verbo que rege a matriz. Partindo desse viés, assumimos que há uma norma na construção, pois as

¹ O símbolo representa o apagamento da preposição **de** no lugar onde poderia ocorrer.

frases são orientadas (via regência verbal) a aceitarem melhor, ou não, a presença da preposição de acordo com o uso. Por outro lado, temos a construção (exemplo 4) que estaria em desacordo com a norma gramatical, porém é utilizada (segundo dados do *corpus* de Mollica, 1995).

Assim, temos um processo de perda e outro de inserção com base em um pressuposto normativista. Não esquecendo, é claro, do contexto em que o queísmo ou o dequeísmo ocorrem.

Em contrapartida, o queísmo ou o dequeísmo podem ser entendidos como um processo de variação, se nós os olharmos como uma alternância caracterizada pela presença ou ausência da preposição **de** diante de **que**, em qualquer que seja a relação sintática de complementação.

Analisaremos agora o queísmo de uma perspectiva normativista, uma vez que ela nos parece a mais utilizada no âmbito da escrita acadêmica, tanto para vias de consulta.

2.2 O QUEÍSMO NA PERSPECTIVA NORMATIVISTA

De acordo com a tradição gramatical, há um desacordo com relação ao uso do queísmo em orações subordinadas substantivas objetivas indiretas e nas subordinadas substantivas completivas nominais. Grande parte dos gramáticos mantém uma postura mais tradicional com relação ao seu uso, outros (que serão mencionados a seguir) não.

Nota-se que as gramáticas normativas simplesmente exemplificam o uso da preposição **de** em função da regência verbal com o pronome² complementizador **que**, mencionando, em algumas, a possibilidade do seu apagamento. Ao falarmos de regência verbal e complementização, estudaremos aqui de forma sucinta a questão da subordinação dentro da gramática normativa.

Tradicionalmente, há duas maneiras de inserirmos constituintes dentro de outro constituinte: a coordenação e a subordinação. Essa dicotomia representa uma nomenclatura e está longe de dar conta de todos os fatos decorrentes em PB, mas serve como ponto de partida para o nosso entendimento e estudo com relação ao (de)queísmo.

² Não somente com o pronome, o uso pode ocorrer em oração subordinadas e conjunções integrantes.

Em Cunha e Cintra (2008), a oração coordenada é classificada como autônoma e independente, isto é, ela tem sentido próprio. Os autores (CUNHA e CINTRA, 2008, p. 608) ainda citam que:

Não funcionam como termo de outra oração, nem a elas se referem: apenas, uma pode enriquecer com o seu sentido a totalidade da outra. Às tais orações autônomas, dá-se o nome de coordenadas, e o período por elas formado, diz-se Composto por Coordenação.

Como exemplo, temos a frase:

5) Não me esqueço **de que estavas doente** quando ele nasceu.

Os autores (Cunha e Cintra, 2008) consideram **de que estavas doente** como uma segunda oração dependente da principal, *não me esqueço*.

Já as orações subordinadas são definidas pelos autores Cunha e Cintra (2008, p. 614) como:

Oração sem autonomia gramatical, isto é, as orações que funcionam como termos essenciais, integrantes ou acessórios de outra oração chamam-se subordinadas. O período constituído de orações subordinadas e uma oração principal denomina-se composto por subordinação.

Em Cunha & Cintra (2008), é explicado que as orações subordinadas substantivas vêm normalmente introduzidas pela conjunção integrante **que** (às vezes por **se**). Como exemplo de completiva nominal, a gramática utiliza a seguinte oração:

6) Ele tem a mania **de que** alho faz bem a saúde.

Já em Campedelli e Souza (2003), há a explicação de que as orações subordinadas completivas nominais exercem a função de complemento nominal. Essas orações apresentam o conetivo integrante preposicionado, como nos exemplos:

7) Sentíamos a nítida sensação **de que** olhos malévolos nos espiavam de todos os cantos.

8) Invadiu a mente de Fabiano a lembrança **de que** a chuva poderia demorar demais.

9) Muito mais sonolenta, a moça agora tinha medo **de que** todas as baratas invadissem a cozinha.

Na obra elaborada por Sarmento e Tufano (2004), entende-se que as orações subordinadas objetivas indiretas exercem a função de objeto indireto de uma oração principal cujo verbo é intransitivo indireto ou direto e indireto, sendo antecedido por preposição, como no exemplo:

10) O guarda informou-o **de que** seria multado.

A subordinada também tem a função de complemento nominal da oração principal, completando o sentido de um nome (substantivo, adjetivo ou advérbio), e vem normalmente regida por preposição:

11) Ana tinha certeza **de que** recuperaria seus papéis.

Em Ferreira (2003), as orações subordinadas completivas nominais são explicadas da seguinte forma: funcionam como complemento nominal de um nome da oração principal. Como exemplo, temos:

12) Teus pais estavam certos **de que** tu voltarias.

Não obstante, notemos a observação feita pelo gramático Ferreira (2003, p. 416):

A oração completiva nominal, da mesma forma que o complemento nominal, inicia-se por preposição, que, eventualmente, pode estar subentendida no texto. Exemplo: *Ela sempre teve receio \emptyset que você a abandonasse.*

Ao falar das orações subordinadas substantivas objetivas indiretas, Ferreira (2003) explica que, da mesma forma que o objeto indireto requer a preposição, as orações objetivas indiretas também devem iniciar com a preposição que pode, às vezes, estar subentendida. Para exemplificar: *Ninguém discorda \emptyset que a proteção à natureza é essencial à vida.* (FERREIRA, 2009, p. 115).

Na análise feita em Cegalla (2005), nota-se que o autor tece comentários com relação ao uso (ou não) da preposição **de** nas orações subordinadas substantivas objetivas indiretas. O autor comenta que as orações objetivas indiretas são regidas por preposições, porém pode haver uma elipse dessas preposições que são muito frequentes no PB. Veja os exemplos (CEGALLA, 2005, p. 385):

13) Lembre-se **de que** a vida é breve.

14) O coronel avisou-o **de que** se acautelasse.

- 15) Não me lembrei \emptyset que estava diante de um cavalheiro.
 16) Esqueceu-se \emptyset que tenho 50 anos?

No entender do autor, o mesmo acontece com as orações subordinadas substantivas completivas nominais. Os exemplos mais comuns do gênero queísta são:

- 17) Estava convencido **de que** um dia lhe daria razão
 18) Mariana teve a sensação **de que** alguém a observava.

No entanto, Cegalla defende que embora as completivas nominais sejam regidas por preposições, em certos casos, pode-se omitir a preposição **de**, como no exemplo abaixo, (CEGALLA, 2005, p. 386):

- 19) Zé Grande tinha a impressão \emptyset que estava voltando a ser criança.

Na visão de Azeredo (2013), as orações completivas relativas servem de complemento a verbos que vêm necessariamente seguidos de preposição (duvidar de, confiar em, insistir em, gostar de, corresponder a etc.). Essa preposição ocorre obrigatoriamente se o complemento relativo tem como base um substantivo, um pronome ou um infinitivo.

A preposição **de** é opcional no registro formal, mas não ocorre no uso coloquial. Como exemplo, temos:

- 20) Não esqueça (de) que amanhã é meu aniversário (AZEREDO, 2013, p. 385).

Uma oração substantiva pode servir de complemento a certos substantivos abstratos, adjetivos e advérbios, aos quais se une por meio de uma preposição opcional. Trata-se das orações substantivas completivas nominais. Segundo Azeredo (2013), servem como exemplo:

- 21) Tenho certeza (de) que eles voltarão logo.
 22) A esperança (de) que eles estejam vivos me consola.
 23) Estou desconfiado (de) que os ingressos já terminaram.

Substantivos como *ideia, fato, hipótese, boato* servem para modalizar o conteúdo das orações completivas:

24) A polícia trabalha com a hipótese **de que** o assassino tenha entrado pela janela.

25) Corre um boato **de que** a empresa encerrará suas atividades.

26) Não nos ocorre jamais a ideia **de que** para nós a compreensão do fenômeno romântico se reveste de uma importância capital.

27) Não deve constituir motivo de surpresa o fato **de que** nossas elites jamais tenham podido transmitir ao povo as ideias.

Notamos que para esse tipo de sentenças, Azeredo não menciona a possibilidade de elipse do nexos preposicional, mas dá a entender que seria possível um apagamento, conforme mostrado nas orações cujos substantivos foram completados pela preposição.

Com um aporte de visões mais tradicionais sobre as sentenças e como funcionam na língua, passaremos agora para uma perspectiva mais funcional dentro do PB.

2.3 LIMITES DA SUBORDINAÇÃO

Analisando a questão da subordinação de forma mais funcional através de Perini (2009), entendemos que mesmo que haja a tradicional separação entre orações (coordenadas e subordinadas), admite-se neste trabalho que a dita subordinada é parte da oração chamada coordenada. O próprio autor (Perini, 2009 p. 133) faz uma redefinição com relação à explicação de subordinadas: *Termos da frase desenvolvidos em oração*.

Observemos a quadro a seguir:

Quadro 01 – Análise da Sentença

Coordenada	Subordinada
Tenho a sensação	de que olhos malignos me observam.

Fonte: O autor

Vamos examinar agora o **de que**: ele faz ou não faz parte da oração subordinada? Nós defendemos a ideia de que ele não faz parte da oração subordinada. Ela seria apenas a frase *olhos malignos me observam*.

A razão principal é que a frase tem uma estrutura interna e a típica distribuição de uma oração: possui sujeito, núcleo do predicado, objeto e poderia ocorrer sozinha no período. Já a sequência **de que olhos malignos me observam** não poderia ocorrer sozinha no período, tendo um elemento **de que** com função desconhecida dentro de uma oração simples. Por isso ela é chamada de subordinada, toda a segunda oração.

A sequência **de que olhos malignos me observam** teria semelhança funcional com os sintagmas preposicionais, pois faz parte da estrutura nominal. Poderia ser sujeito, caso fosse omitido o **de**, como em: **Que olhos malignos me observam é evidente**.

Então passaremos a analisar a oração da seguinte maneira:

Quadro 02 – Oração analisada segundo a perspectiva funcional

Coordenada	Subordinada
Tenho a sensação	olhos malignos me observam.

Fonte: O autor

Segundo Perini (2009), o elemento **de que** seria um recurso com o qual a PB conta para encaixar uma oração dentro de um sintagma preposicional.

No próximo capítulo, entraremos na questão semântica referente ao fenômeno (de)queísta, buscando o sentido do nexos preposicional dentro da sentença.

2.4 SIGNIFICADOS SEMÂNTICO-FUNCIONAIS

De acordo com Mollica (1995), preposições e conjunções compõem tradicionalmente o conjunto de vocábulos de um sistema linguístico. Elas têm como função ligar unidades constitutivas e são geralmente chamadas de conectores.

O propósito do presente capítulo será fazer uma observação quanto ao valor significativo da preposição, no que tange o seu significado inerente e/ou contextual. Notemos que o uso do queísmo é regulado pelo escritor, que desconhece as regras do seu uso na maioria das vezes.

De acordo com Mollica (1995), a preposição **de** em contextos queístas tende a aparecer quando se quer diminuir a força da asserção, mais especialmente quando convém ao narrador o não comprometimento em relação ao conteúdo que afirma. A autora (MOLLICA, 1995, p. 70) ainda afirma que:

Não constitui novidade, porém, advogar a ideia de que os conectores têm frequentemente valor significativo. Ora, o sistema de preposições em inglês, tão a serviço da configuração das “idiomatic expressions”, não pode ser melhor exemplo para o fato de que as preposições possuem significados inerentes e/ou contextuais.

Um fato indiscutível é a aceitabilidade das frases já colocadas ao longo deste trabalho. Embora alguns gramáticos aconselhem o uso da preposição nas orações objetivas indiretas, não podemos fazer vista grossa ao ato da comunicação que é veiculada pelas sentenças, com o uso ou não da preposição. Pois para os nativos da língua, o uso ou a omissão da preposição, em alguns casos queístas, não parece interferir no sentido da frase, podendo ser uma mera questão de estilo em nossa opinião.

Na própria origem, as preposições são simplesmente nexos sintagmáticos vazios de sentido. Mollica (1995) comenta que as preposições do português se originaram do latim, de partículas de caráter adverbial, assim como de adjetivos e de participios. A princípio, com uma colocação livre, esses elementos fixaram-se mais tarde antes do verbo ou do complemento verbal. No primeiro caso, se tornam os prevérbios (preposições em composição verbal, ou prefixos); no segundo caso se tornam preposições propriamente ditas, enfraquecendo-se quanto ao valor adverbial originário e adquirindo a função meramente relacional, passando a ter o título de conectivos intervocabulares.

De acordo com Brandão (1963), o uso mais amplo da preposição acarretou a crescente desorganização do sistema indo-europeu de declinação, de tal maneira que nas línguas neolatinas a preposição suplantou as flexões de caso, vindo a figurar em quase todos os complementos. No português e no espanhol, isso chegou a tal extremo que até mesmo o objeto direto se preposiciona, como no caso do objeto direto preposicionado, como em:

28) O homem a quem cumprimentara era o anfitrião da cerimônia.

Na visão de Brandão (1963), há um imenso número de preposições e locuções prepositivas em língua portuguesa com grande importância semântica.

Em termos conceituais, a maioria dos gramáticos define preposição enfatizando seu caráter relacional (Azeredo, 2013 e Perini, 2009). Câmara Jr. (2001) considera a possibilidade de que as preposições emprestem às relações de complementação um conjunto complexo e sutil de noções abstratas. Brandão (1963) também ressalta a questão da semântica da preposição, mostrando como uma partícula prepositiva pode chegar a modificar o sentido de uma palavra como em: 'atentar contra', 'atentar em', 'atentar para' e 'atentar por'.

Ferreira (2003) menciona que a preposição **de** é uma das mais frequentes e de mais variados usos nos idiomas românicos. Há, sem dúvida, uma curiosidade no que se refere ao uso da preposição.

Mais adiante no trabalho, demonstraremos com os estudos no *Corpus* do Português Brasileiro Acadêmico (doravante PBA) como nos parecem estranhas algumas regências verbais, seja pela ausência da preposição, troca ou uso inadequado. Veja os exemplos abaixo:

29) Ficamos Ø cinco horas da tarde até de manhã.

30) Eu acho maravilhoso o fato Ø que lugares que fazem música brasileira tenham essa quantidade de gente.

31) Apanhei gíria depois **de** que eu já estava cansada.

32) A gente pesca **de** camarão também.

- No exemplo 29, há claramente a ausência da preposição causando certo estranhamento por não haver um paralelismo com a preposição **até** que seria importante na frase;
- No caso 30, a ausência da preposição não nos parece alterar tanto o sentido da frase;
- Já no 31, nos parece um simples caso de dequeísmo, sem qualquer interferência no sentido;
- No exemplo 32, parece haver uma inserção inadequada da preposição.

Com base nos exemplos acima, Mollica (1995) chega a três pontos cruciais no que se refere à preposição **de**, são eles:

A base semântica: A preposição **de** apresenta uma pluralidade de significados, tais como a ideia de afastamento, separação, ponto de partida, movimento, diminuição, privação, modo, meio, lugar e parte de onde, matéria, razão ou causa, comprimento, coisa contida na outra, origem ou princípio, direito de posse, referência, tocante, relativo, qualidade, parte de um todo, extensão de espaço, grandeza e medida de tempo, idade, aumento, força, intensidade, tempo desde que (MOLLICA, p. 1995).

Transparência semântica forte: Em função do seu grande leque de acepções, **de** pode ser considerado a mais papável (concreta, conhecida e comum) para quem a utiliza, sendo então inserida ou excluída facilmente nos mais variados contextos.

Função histórica da preposição **de**: Voltando um pouco na história da PB e do Latim, dos cinco casos latinos, a preposição **de** preenche as lacunas deixadas pelos casos (dativo, genitivo e ablativo) na passagem para o português.

Uma vez que a sua base semântica é clara, isso faz com que o **de** seja, senão o mais, pelo menos um dos mais utilizados. Tanto isso é verdade que nos casos em que o **de** perde a transparência semântica, ele tende a desaparecer, o que se comprova mais claramente com o fenômeno do queísmo ou em estruturas com verbos transitivos indiretos.

A noção de produtividade que assumimos, então, encontra respaldo no alto grau de transparência semântica do nexos **de**.

Desenvolvendo um estudo sobre a preposição **de**, Mollica (1995) aponta como primário o sentido de 'afastamento' para a preposição **de** proveniente de 'de' e 'ab' no latim: no primeiro caso, afastamento de cima para baixo; no segundo, no sentido horizontal. Posteriormente, 'de' passou a confundir-se com 'ab' quando então se desfez a distinção de significado. O sentido de **de** ampliou-se também para o de 'origem do movimento' e 'separação'.

No português, **de** acumula as funções de genitivo, ablativo e dativo e absorve as relações significativas desses casos. Nos termos de Mollica (1995):

Na medida em que uma preposição vai-se esvaziando na pluralidade do seu emprego, vai-se aumentando a pluralidade da sua significação. A preposição **de** tem uma carga significativa variável (p. 24 – 25).

A autora formula uma escala em que a oposição \emptyset versus **de** pode simplesmente conter ausência de significação ou conter significação em vários níveis diferentes. Observemos em Mollica (1995, pp. 25-26) a distribuição:

- A) Traço \emptyset – ausência de significação: ‘chamei-o de sábio/chamei-o \emptyset sábio’;
- B) Traço morfológico – ‘este é um menino de ouro/este é um menino \emptyset ouro’;
- C) Traço sintático – ‘necessito de urgência neste caso/necessito \emptyset urgência neste caso’;
- D) Traço semântico – ‘eu bebi da água/eu bebi \emptyset água’;
- E) Traço morfológico e sintático – ‘falta de treino/ falta \emptyset treino’;
- F) Traço morfológico e semântico – ‘estou de mal/estou \emptyset mal’;
- G) Traço sintático e semântico – ‘falou da frase/ falou \emptyset a frase’;
- H) Traço morfológico, sintático e semântico – ‘vi o homem de negro/ vi o homem \emptyset negro’. (23d. pp. 25-26).

Ladeira (1977) fornece também uma lista de casos em que **de** substitui outras preposições (cf. 23d. pp. 27-29). Ele menciona a tendência no português de hoje de elidir a preposição, explicando-a como uma “vocação natural” do sistema à eliminação da oposição objeto direto/objeto indireto, motivada fundamentalmente por razão semântica:

A chave do problema parece-nos estar exatamente no fato de a preposição que introduz objeto indireto não possuir valor significativo. Ora, se a preposição, no caso, não contém nenhum significado, se seu valor semântico é esvaziado, tornando-a igual a zero, a própria economia da língua justifica o abandono. (LADEIRA, 1977, p. 64).

Como já evidenciado, **de** é a preposição altamente produtiva no sistema, porque contém várias significações e é elemento substitutivo de outros nexos no português de hoje e de épocas anteriores. De fato, **de** imprime múltiplos sentidos nas relações de complementação, fato indicado em inúmeros compêndios gramaticais, como por exemplo: Cegalla (2005), Ferreira (2003), Cunha & Cintra (2008), Azeredo (2013), entre outros.

Reunindo as listas de sentidos que esses autores oferecem, em relação ao sentido que **de** pode receber há: ‘afastamento’, ‘separação’, ‘ponto de partida’, ‘movimento’, ‘diminuição’, ‘privação’, ‘modo’, ‘meio’, ‘lugar’ e ‘parte de onde’, ‘matéria’, ‘razão ou causa’, ‘comparação’, ‘coisa contida na outra’, ‘origem ou

princípio de onde alguma coisa vem ou procede’, ‘direito e posse’, ‘referência’, ‘tocante’, ‘relativo’, ‘qualidade’, ‘parte de um todo’, ‘extensão de espaço’, ‘grandeza e medida de tempo’, ‘idade’, ‘aumento’, ‘força’, ‘intensidade’, ‘tempo desde que’.

Sem dúvida, em muitos casos, a oposição \emptyset versus **de** gera modificação de significado, tal como analisa Ladeira (1977); em outros, porém, não há qualquer alteração do ponto de vista semântico.

A título de exemplo, observemos a relação: ‘falar \emptyset ’ versus ‘falar **de**’, em que ‘falar \emptyset ’ significa ‘expressar-se através de língua’ e ‘falar **de**’ significa ‘emitir enunciados e/ou opiniões a respeito de algo’. Em contrapartida, em ‘precisar \emptyset ’ versus ‘precisar **de**’, não há qualquer diferença de sentido, em enunciados como: ‘eu preciso \emptyset nadar’ versus ‘eu preciso de nadar’. Em princípio, as preposições acopladas mais intimamente aos verbos, que são classificados normalmente como transitivos indiretos, como é o caso de ‘gostar **de**’, ‘precisar **de**’, ‘dispor **de**’ não teriam carga semântica (MOLLICA, 1995).

A análise que desenvolvemos acerca de **de** do ponto de vista semântico consiste em considerar os itens lexicais (nomes, verbos, adjetivos e expressões) potencialmente afetáveis pela ausência ou pela presença da preposição, e verificar até que ponto **de**, nesses casos, tem peso semântico no contexto em que ocorre.

O objetivo último é o de demonstrar que a variante **de que** decorre da necessidade comunicativa: a de inserir e/ou acrescentar traço semântico X ao elemento nuclear da matriz a que se liga.

Passaremos agora à questão da motivação semântica como um viés para descobrir a funcionalidade do **de que** dentro das sentenças, assim delimitando (ou tentando delimitar) o motivo para o seu uso.

2.5 A MOTIVAÇÃO SEMÂNTICA

Nossa preocupação agora será a de demonstrar como o **de que** é motivado semanticamente. Enquanto “inovação”, a variante **de que** deve possuir razões do ponto de vista do significado para introduzir-se no sistema, em diferentes fronteiras sintagmáticas e em diferentes estágios da língua ao passar dos séculos, como no português arcaico por exemplo.

De acordo com Mollica (1995), descobrir traço significativo em **de que** significa apontar a funcionalidade comunicativa da variante, o que equivale a

comprometer-se com a tese de Givón (2001) de que a sintaxe não é autônoma, mas decorre de função fora da sua esfera. A análise que desenvolvemos sobre a funcionalidade de **de que** incide somente em dados marcados do português de hoje, isto é, em construções que apresentam realizada a variante **de que**.

Há evidências do peso semântico de **de que**, no entanto, nem sempre são categóricas, tão pouco são muito claras. Especialmente se observarmos os itens afetados pelo (de)queísmo. Dentre eles, incluem-se verbos transitivos indiretos, alguns nomes, adjetivos e expressões. Em quase todos os casos, **de** tem carga significativa de ‘assunto’, ‘equivalência’ e ‘referência’, podendo ser substituído por: ‘sobre’, ‘acerca de’, ‘a respeito de’, ‘em relação a’. Há casos, porém, em que não se tem possibilidade de atribuir-lhe qualquer valor semântico.

Mollica (1995) também apresenta uma lista dos itens que podem vir acompanhados por **de que** e indica a preposição ou locução prepositiva a que **de** parece se equivaler. Em seguida, ilustra em enunciados reais, extraídos dos corpora com que trabalhou, as intuições arroladas no Quadro I. Não se pode esquecer nunca de dois pontos:

A) O emprego de **de que** é variável, alternando-se com a variante ‘ \emptyset que’.

B) A motivação semântica é uma dentre muitas forças favoráveis à emergência de **de que**, competindo com forças que conduzem à direção contrária, isto é, à omissão de **de** e o conseqüente emprego da variante ‘ \emptyset que’.

Veja agora a lista de itens, ou expressões, potencialmente afetados pelo queísmo, em relação aos quais é possível a atribuição de valor semântico a **de**

afirmação de (a respeito de)	consciência de (a respeito de)
certo de (em relação a)	conclusão de (em relação a)
certeza de (a respeito de)	crente de (em relação a)
ciente de (a respeito de)	depende de (em relação a)
clareza de (a respeito de)	desconfiar de (em relação a)
confiança de (em relação a)	desejoso de (em relação a)
confiante de (em relação a)	dúvida de (a respeito de)
convencido de (a respeito de)	dúvidas de (a respeito de)
convencer-se de (a respeito de)	envergonhar-se de (em relação a)
convicto de (a respeito de)	esquecer-se de (acerca de)

esperança de (em relação a)
fato de (acerca de)
hipótese de (a respeito de)
história de (acerca de)
impressão de (em relação a)
justificativa de (a respeito de)
lembrança de (a respeito de)
lembrar-se de (a respeito de)
mentalidade de (acerca de)
medo de (em relação a)
necessidade de (em relação a)
notícia de (a respeito de)
ouvir falar de (a respeito de)
posição de (em relação a)
previsão de (a respeito de)
princípio de (a respeito de)
queixar-se de (a respeito de)
sentido de (em relação a)
sinal de (a respeito de)
vergonha de (em relação a)

Os exemplos que se seguem, a partir de Mollica (1995) são, a meu ver, os mais claros para viabilizar a hipótese de que **de** é motivado semanticamente. O teste intuitivo será reaplicado nas sentenças a seguir: vamos introduzir a expressão ‘a respeito de’ na relação de complementação sintagmática pertinente, de modo a explicitar o sentido de ‘de’ nos diferentes exemplos. Note-se que as expressões são sinônimas e quase sempre intercambiáveis. Observe-se na sentença a seguir:

É interessante porque em primeiro lugar a afirmação **de que** nós somos radicais de extrema esquerda.

- A) É perfeitamente possível inserir entre parênteses a expressão ‘a respeito’: “a afirmação a respeito de que”. O mesmo pode aplicar-se em:
- B) É preciso que tenhamos consciência de que temos que lutar por uma dignidade que nos roubaram.

Podemos perfeitamente ter: “consciência a respeito de que”. Idêntica situação ocorre nos exemplos subsequentes:

- C) A diferença está no fato (acerca ou a respeito) de que eles são inimigos da ordem e nós a preservamos além de tudo.
- D) Tenho certeza (a respeito) de que entre mim e o povo há muita coisa em comum.

Em fronteiras dequeístas, o mesmo teste intuitivo pôde aplicar-se para a verificação do peso semântico de **de**. Há itens ou expressões aos quais se pode associar significação a **de**, enquanto há outros aos quais isso não é possível.

Na próxima lista, Mollica (1995) apresenta os itens potencialmente afetados pelo dequeísmo com os quais **de** possui significado. A significação associada a **de** é semelhante à demonstrada para os itens afetados pelo queísmo: ‘assunto’, ‘equivalência’ e ‘referência’, podendo **de** substituir-se por ‘sobre’, ‘acerca de’, ‘a respeito de’:

De acordo com Mollica (1995), eis alguns dos itens ou expressões potencialmente afetados pelo dequeísmo em relação aos quais é possível a atribuição de valor semântico a **de**. Observe a lista:

acreditar de (acerca de)	entender de (a respeito de)
admitir de (acerca de)	esclarecer de (a respeito de)
advertir de (em relação a)	evidenciar de (a respeito de)
afirmar de (a respeito de)	explicar de (a respeito de)
assentar de (a respeito de)	falar de (a respeito de)
argumentar de (a respeito de)	ficar claro de (a respeito de)
atestar de (em relação a)	ficar contente de (em relação a)
avisar de (a respeito de)	ficar feliz de (em relação a)
citar de (a respeito de)	garantir de (a respeito de)
compreender de (acerca de)	indicar de (a respeito de)
comprovar (a respeito de)	mostrar de (a respeito de)
combinar de (a respeito de)	ouvir de (a respeito de)
conceber de (a respeito de)	pedir de (em relação a)
concluir de (a respeito de)	pensar de (a respeito de)
concordar de (em relação)	perceber de (a respeito de)
confiar de (em relação a)	permitir de (em relação a)
conscientizar de (a respeito de)	prevenir de (em relação a)
considerar de (a respeito de)	provar de (a respeito de)
constatar de (a respeito de)	protestar de (a respeito de)
declarar de (a respeito de)	saber de (a respeito de)
decidir de (a respeito de)	significar de (a respeito de)
demonstrar de (a respeito de)	supor de (a respeito de)
denunciar de (a respeito de)	transmitir de (a respeito de)
desacreditar de (em relação a)	ver de (em relação a)
dizer de (a respeito de)	verificar de (a respeito de)

É importante ressaltar alguns itens deste quadro em empregos reais, nos quais o valor semântico de ‘assunto’ para **de que** é bem evidente.

33) Vossa Excelência afirma (a respeito) **de que** é um democrata sincero e creio que essa afirmação é sincera.

A perífrase ‘a respeito’, quando inserida entre o verbo ‘afirmar’ e **de que**, torna mais “saliente” a significação de **de que**. O mesmo ocorre nos trechos a seguir.

- 34) Há que advertir todos os cidadãos (a respeito) **de que** eles estão sendo apenas usados politicamente.
- 35) Quando eu chegar lá, eu aviso (a respeito) **de que** eu já terminei de pintar.
- 36) É muito difícil de argumentar, à luz de evidências, (a respeito) **de que** o português não tem base crioula.
- 37) O PSB manteve uma posição de discrição, confiando, é claro, (a respeito) **de que** seria desagradável à opinião pública.

Em todos esses enunciados, a expressão ‘a respeito’ se encaixa muito bem. Para Mollica (1995), esse fato demonstra de novo que a variante **de que** não se emprega aleatoriamente, mas é motivada por princípios de toda ordem, inclusive pelo fato de exercer função semântica na maior parte das vezes em que ocorre.

Ressalte-se também que, em quase todos os casos, o fator ‘Inserção de complemento nominal’ está presente, pois é possível inserir-se um sintagma nominal no interior de ‘a respeito de que’: “advertir a respeito do fato de que”, “avisar a respeito do fato de que”, “argumentar a respeito da ideia de que”, “confiando a respeito da ideia de que”.

Há itens, no entanto, com os quais a associação semântica a **de** é duvidosa ou simplesmente impossível; no entanto, eles são igualmente afetados pelo dequeísmo.

Mollica (1995) faz uma lista de itens potencialmente afetados pelo dequeísmo em relação aos quais não é possível associar um valor semântico a ‘de’, olhe a lista abaixo:

- | | |
|-------------------|-------------------------|
| 1) Achar ‘de’ | 6) Introduzir ‘de’ |
| 2) Acontecer ‘de’ | 7) Indicar ‘de’ |
| 3) Botar ‘de’ | 8) Requerer ‘de’ |
| 4) Colocar ‘de’ | 9) Sair ‘de’ |
| 5) Concluir ‘de’ | 10) Ser importante ‘de’ |

Observa-se que o verbo ‘achar’ foi o único dado que ela encontrou com o **de que**, em nosso *corpus* também foi encontrado ‘mencionar de’. Observe o exemplo dado pela autora:

- 38) Ela achou justamente **de que** eu pudesse enganar a Bebê.

Na visão de Mollica (1995), o teste intuitivo de anexar a expressão ‘a respeito’ aos itens lexicais e a sequências perifrásticas simplesmente é inadmissível com ‘achar’, assim como com ‘acontecer’, ‘convir’, ‘ser importante’, ‘requerer’, ilustrados a seguir:

- 39) Não aconteceu ontem **de que** os professores da minha escola se recusaram de fazer um levantamento.
- 40) O sucesso do livro foi tão grande que convinha **de que** ele comparecesse em nossos estúdios para uma entrevista.
- 41) É importante para nós do PMB, e de outros partidos também, **de que** se faça o possível para o Município centralizar a renda.
- 42) Requeiro a Vossa Excelência de que o projeto de lei 2282188 é legal.

Não nos parecem gramaticalmente viáveis as seguintes estruturas: “acontecer a respeito de que”, “convinha a respeito de que”, “é importante a respeito de que”, “requeiro a respeito de que”.

Há casos, porém, em que a expressão ‘a respeito’ parece inadmissível fora do contexto, mas é possível aceitá-la nos enunciados em que se realizaram. São exemplos disso o verbo ‘botar’, ‘meter’ e ‘sair’, nos trechos a seguir:

- 43) É botar lá na Constituinte (a respeito) **de que** os professores da minha escola se recusaram de fazer um levantamento.
- 44) Quem foi que meteu na sua cabeça (a respeito) **de que** eu tenho que te ajudar a fugir.
- 45) Saiu no jornal essa semana (a respeito) **de que** o CEP não iria pedir o cumprimento da lei 1.016.

Nesses exemplos, mais do que nos outros, o fator da inserção do complemento nominal também parece estar presente aliado à questão semântica. Podemos imaginar implícitos elementos “não processados”, tais como: “botar a lei a respeito de que”, “meteu a ideia a respeito de que”, “saiu a notícia a respeito de que”. No entanto, para os casos considerados inadmissíveis quanto à anexação de ‘a respeito’, o fator ‘inserção de complemento nominal’ prevalece, e a expressão ‘a respeito’ continua sem aceitação.

2.6 A FUNCIONALIDADE DO (DE)QUEÍSMO

Mostrar evidências a favor de motivação semântica da variante **de que** dá margem à discussão sobre a presença, nas línguas, de forças opostas: a de inserir e a de omitir. Para Azeredo (2013), a presença/ausência do nexos prepositivo é proporcional à sua funcionalidade semântica. Para Ferreira (2003), as preposições podem omitir-se, desde que não causem prejuízo à comunicação.

A elisão se dá então quando é o único regime do verbo ou do nome, ou quando o contexto discursivo ou pragmático é suficiente para recuperar a relação de complementação, que seria codificada pela preposição elidida. Outros autores, mencionados ao longo deste trabalho, também correlacionam o emprego de nexos à função semântica e atribuem a sua omissão ao princípio de economia linguística, como em Ferreira (2003) e Azeredo (2013).

Perini (2009) entende que há, nas línguas, forças em competição: uma força interna, imanente ao sistema, e uma externa, de fora do sistema. Dessa forma, o princípio da arbitrariedade do signo linguístico passa a ser discutido, na medida em que se admite que exista uma relação entre língua e realidade externa, e que certa função pragmática pode influir sobre o processo de gramaticalização. Givón (2001), por outro lado, assume o processo de gramaticalização ou sintatização como procedente de funcionalidade em níveis fora da sintaxe.

As perguntas que se levantam são:

A) Até que ponto as estruturas sintáticas obedecem e refletem princípios da realidade?

B) Até onde o princípio da iconicidade se faz presente nas línguas naturais?

Mollica (1995) nos lembra que o ideário estrutural de Saussure prega a autonomia absoluta dos sistemas linguísticos e combate veementemente a relação icônica no signo linguístico: a iconicidade é então considerada anomalia de um tipo particular que atua contra a visão de língua inteiramente autocontida.

Givón (2001), no entanto, concebe a gramática como parcialmente autônoma, na medida em que admite o efeito de forças internas e externas interagindo em competição. Coloca em foco a relação entre sintaxe e pragmática e entende que o signo é relativamente motivado, rejeitando-se as posições extremadas: nenhum dos campos teóricos em oposição, seja o do estruturalismo autônomo, seja o do

funcionalismo transparente deve ser abraçado. Givón prefere sugerir que se busque compreender a natureza da interação entre *langue* e *parole*, entre discurso e gramática.

A presença ou ausência de marcas pode igualmente ser iconicamente motivada, na medida em que as categorias que são marcadas morfológica e sintaticamente são também marcadas semanticamente. Mollica (1995) aprofunda essa questão, reintroduzindo a relação entre presença/iconicidade e ausência/economia, a que Saussure já aludira.

Por conseguinte, em princípio, iconicidade e economia explicariam as tendências das línguas de introduzir e de apagar elementos, respectivamente; serviriam eles também para explicar os processos de queísmo e dequeísmo.

Esse conceito deve ser entendido como iconicidade diagramática nos termos de Mollica. A autora assume o signo linguístico como relativamente motivado e admite a existência de paralelismo de uma forma com outras dentro do sistema linguístico em análise. As mudanças operam através de paralelismo entre a relação forma/sentido com outros elementos da estrutura do sistema. O termo iconicidade diagramática refere-se então ao princípio icônico que indica motivação relativa entre signos de uma dada língua e que só faz sentido numa perspectiva intersistêmica.

Para Givón (2001), a gramaticalização ou sintatização também age sobre a substância semântica e sonora de um dado elemento. Mas a motivação para a alteração linguística, de inserir, modificar ou eliminar parte de uma função do ponto de vista pragmático, discursivo ou semântico. Para Givón, a gramática depende de componentes fora dela. Ao analisar o peso semântico de 'de que', verificamos a funcionalidade dessa construção.

Todavia, há de se levar em conta dois pontos:

A) Nem todos os casos apresentam valor semântico-funcional;

B) A variante **de que** não é categórica; ela se alterna com a variante **Ø que**.

No nosso entendimento, há evidência do princípio semântico-comunicativo explicativo à emergência de **de que**, mas ao mesmo tempo há a presença da competição entre forças opostas: de economia e iconicidade.

Passaremos agora ao estudo da adequação, segundo um viés semântico-pragmático.

2.7 ADEQUAÇÃO E SINTAXE

Fetzer (2004, p. 20) se pergunta se a ação comunicativa efetuada na sentença é sempre apropriada. Diferentemente do conceito da sociolinguística de aceitabilidade que está ancorado a língua externa (e-língua) que existe fora da mente e é independente disso, adequação é um conceito pragmático que está ancorado ao falante, ouvinte, intenção de comunicar, ato comunicativo, representação linguística e contexto.

Enquanto a aceitabilidade é avaliada com relação à natureza da conexão entre a forma linguística, posição sequencial e contexto social, a adequação é calculada com relação à natureza da conexão entre a realização linguística e a da comunicação e do contexto social.

Por esta razão, a adequação linguística se beneficia da língua interna e externa. Ela extrai da língua interna a formulação e a interpretação da intenção do falante, e extrai da língua externa a conexão entre a ação comunicativa, as realizações linguísticas imersas no contexto social.

De acordo com Fetzer (2004), um dos princípios chaves na abordagem das línguas naturais é o conceito de composicionalidade. Ele mostra que a ideia de significado do todo é uma função do significado das partes. Ou seja, a sentença é constituída de um sintagma nominal e um sintagma verbal, se levarmos em conta o princípio da composicionalidade, o significado da sentença é a junção do significado de ambas as partes. Além do mais, o significado de uma sentença complexa advém do significado das suas partes em combinação com a estrutura sintática.

Fetzer (2004) ainda coloca que o princípio de composicionalidade tem sido interpretado de duas maneiras, a forte e a fraca. A interpretação forte coloca que a estrutura sintática determina o sentido de uma sentença; de acordo com a interpretação fraca, a estrutura sintática somente influenciaria no sentido.

A conexão entre o contexto e a sintaxe se dá no momento em que o nativo da língua tem o conhecimento de como as expressões (sentenças) são combinadas de forma coesa, a fim de construir uma sequência de sentenças. Eles devem saber como as partes estão relacionadas (FETZER, 2004).

Em Haegman & Guéron (1999), entendemos que uma sentença gramatical é formada conforme as regras da gramática interna do falante da língua. Aquela que não é formada pelas regras da Gramática interna é agramatical. Gramaticidade e

aceitabilidade são noções muito próximas, porém não idênticas. Aceitabilidade refere-se à intuição do nativo, ele sabe quando uma sentença é aceitável ou não. O nativo possui um conhecimento inconsciente da sua própria língua, que é refletido na sua intuição, mas como mencionado anteriormente, pode ser que o nativo não esteja apto a formular este conhecimento explicitamente. Já a gramaticidade, refere-se à explicação linguística do fenômeno, ela se relaciona ao julgamento intuitivo do nativo a uma explícita representação do conhecimento inconsciente deste na sua língua.

Adentraremos agora no estudo sintático e semântico, no que se refere à consciência, o quanto importante é as reflexões tomadas a respeito da LP no que tangem os estudos formais da língua.

2.8 CONSCIÊNCIA SINTÁTICA E SEMÂNTICA

Os estudos teóricos e de *corpus* são sem dúvida de extrema relevância para a condução de qualquer pesquisa linguística dentro do PBA, mas devemos nos ater também aos frutos que a pesquisa propiciará.

Cain (2007) define que a consciência sintática refere-se à capacidade do indivíduo de manipular e refletir sobre as estruturas da língua. Ela pode ser entendida também como uma habilidade metalinguística, distinta da compreensão ou produção de uma frase, porque diz respeito à capacidade de considerar a estrutura ao invés do significado de uma frase. O desempenho em medidas de consciência sintática melhora com a idade e está relacionado com a capacidade de leitura.

Algumas pesquisas mais recentes (Mouton, 2012) indicam que os estudos formais dentro de uma língua são importantes para o seu aprendizado, mas a frequência de uso desses novos saberes também é crucial. Na visão do autor, o uso inconsciente de determinada forma linguística (como uma preposição) não torna, na maioria das vezes, o aluno/autor do texto crítico com relação ao seu uso. O aluno não aprenderia sozinho como fazer reflexões acerca do uso de uma preposição ou conjunção na língua. O conteúdo precisa ser ensinado e o erro destacado para tornar o aluno/escritor mais proficiente em escrita. Já a consciência semântica é a

capacidade que o usuário da língua possui de refletir e manipular a língua, fazendo com que as frases não sejam somente estruturas, mas que tenham um sentido.

O aporte teórico desenvolvido aqui servirá para a análise feita no capítulo 4. O capítulo seguinte nos mostrará os resultados obtidos através da observação dos dados que o *Corpus* do PBA proporcionou. O capítulo seguinte nos servirá de metodologia, e o 4 será o da análise efetiva, vinculando o aporte teórico desenvolvido até então aos dados.

3 O *CORPUS* DO PORTUGUÊS BRASILEIRO ACADÊMICO

Com o objetivo de evidenciar o uso do movimento (de)queísta, nos valeremos da linguística de *corpus*; ou melhor, do estudo de resultados provenientes do *Corpus* do Português Brasileiro Acadêmico (doravante CPBA). Desta maneira teremos dados que nos servirão de subsídio para uma definição mais precisa do que acontece com o fenômeno (de)queísta no PB, ao invés de contarmos somente com as GTs disponíveis no mercado.

A pesquisa tem por finalidade um estudo do PBA para que no futuro possa contribuir com a construção de um material que auxilie alunos e professores na escrita deste gênero.

Faremos um estudo teórico-aplicado no qual o *software* AntConc nos servirá de ferramenta para analisarmos o uso variável ou não do *cluster de que* em orações subordinadas. Só assim poderemos investigar as frequências de uso do *cluster* na língua em uso dentro do ambiente acadêmico.

3.1 A HISTÓRIA DO *CORPUS* DO PORTUGUÊS BRASILEIRO ACADÊMICO

A ideia de criar um *corpus* (do PBA) começou com a iniciativa da professora Cristina Becker Lopes Perna na Faculdade de Letras da PUCRS. Devido à carência de materiais de ensino de língua que tenham como foco o português utilizado na academia. Um grupo de pesquisa foi criado com o intuito de fazer, primeiramente, um levantamento de textos acadêmicos de diversas unidades acadêmicas no Brasil.

Os textos pesquisados abrangeram as mais diversas áreas do conhecimento, a fim de que pudessem gerar um *corpus*, ferramenta que seria mais tarde utilizada para a pesquisa como referência padrão de PB utilizada na academia.

Segundo Tagnin e Vale (2008, p. 18), por ser uma área interdisciplinar, a Linguística de *Corpus* vem ganhando força no Brasil desde a década de 80 na Europa e mais tarde no Brasil. Sua aplicação se faz sentir tanto na área da lexicografia, quanto nos estudos sistemáticos do uso da língua; em trabalhos de tradução, linguística aplicada e processamento natural da linguagem (PLN). A interdisciplinaridade constitutiva desta área de estudos tem possibilitado a troca de experiências entre colegas de áreas afins e distintas.

O material encontrado no *corpus* serve, então, para as mais diversas pesquisas dentro do grupo UPLA³ que tenham relação com linguagem acadêmica.

O presente *Corpus* tem se mostrado útil aos integrantes do grupo UPLA nos mais diversos ramos da linguística, como a Pragmática, Sintaxe, Semântica etc. Beneficiando, futuramente, os demais alunos da universidade com o material didático advindo das pesquisas realizadas no CPBA.

3.2 A SELEÇÃO DO MATERIAL PARA O CPBA

Quando pensamos em *corpus*, temos que levar em conta a representatividade do seu conteúdo. De acordo com Sardinha (2004), em sua essência, o *corpus* deve ser tido como representativo da sua linguagem, idioma ou variedade, ou seja: o *corpus* deve possuir uma função representativa. Tanto que a característica mais associada à representatividade é justamente a sua extensão. Sintetizando: para ter representatividade, o *corpus* deve ser o maior possível.

Sardinha (2004, p. 23) defende a ideia colocando que:

A linguagem é um sistema probabilístico, no qual certos traços são mais frequentes do que outros. No caso do léxico, podem-se diferenciar as palavras entre aquelas de maior frequência e as de menor frequência, sendo que a diferença entre elas é relativa. Assim, algumas palavras têm frequência de ocorrência muito rara, e para que haja probabilidade de ocorrerem no *corpus*, é necessário incorporar uma quantidade grande de palavras. Portanto, quanto maior a quantidade de palavras, maior a probabilidade de aparecerem palavras de baixa frequência.

O *corpus* é entendido como uma amostra de língua de uma população cuja extensão é incerta⁴. Sendo assim, não podemos estabelecer qual seria o tamanho ideal para representar uma população usuária de um idioma ou de uma variedade. Podemos simplesmente tornar a amostra de língua no *corpus* maior, a fim de torná-lo mais representativo diante do seu gênero (a linguagem acadêmica no nosso caso).

O projeto tem por finalidade coletar textos já publicados por alunos e professores universitários. Os materiais coletados foram: livros, revistas e artigos. As faculdades e cursos contemplados foram:

³ Grupo de pesquisa sobre o Uso e Processamento de Língua Adicional da PUCRS.

⁴ Pois o material é limitado e o seu conteúdo não abrange toda a linguagem acadêmica, somente uma parte pequena parcela.

A) Faculdade de Administração, Contabilidade e Economia (Administração de Empresas, Comércio Internacional, Gestão de Tecnologia da Informação, Marketing, Ciências Contábeis, Economia, Hotelaria, Gestão de Turismo)

B) Faculdade de Psicologia (Licenciatura e Bacharelado em Psicologia)

C) Faculdade de Letras (Licenciaturas em Inglês, Espanhol, Português e suas respectivas literaturas)

D) Faculdade de Informática (Ciência da Computação, Sistemas de Informação, Engenharia de Computação)

E) Faculdade de Comunicação Social (Publicidade e Propaganda, Jornalismo, Relações Públicas, Curso Superior de Tecnologia em Produção Audiovisual)

F) Faculdade de Engenharia (Engenharia Civil, Engenharia de Computação, Engenharia de Controle e Automação, Engenharia Elétrica, Engenharia Mecânica, Engenharia de Produção, Engenharia Química)

Os trabalhos publicados são provenientes dos colegiados das universidades listadas abaixo:

A) Unileste (MG)

B) Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (RS)

C) Universidade de São Paulo (SP)

D) Universidade Federal de Minas Gerais (MG)

E) Universidade Federal do Ceará (CE)

F) Universidade Federal de Mato Grosso (MT)

G) Universidade Federal de Roraima (RR)

H) Centro Universitário Fieo (SP)

Segundo Sardinha (2004, p. 28), pensar na delimitação do assunto e tema (variedade de língua) que o *corpus* precisa é fundamental. Uma variedade específica da linguagem demonstra uma padronização, e conseqüentemente menor variação no nível do léxico, gramática e discurso. Ou seja, apresenta maior grau de fechamento acerca da especificidade do *corpus*.

No caso do presente trabalho, procuramos variar as áreas de estudo e selecionar textos oriundos da academia; não só do Rio Grande do Sul, mas também de outras regiões do Brasil. Estivemos muito preocupados com a questão de

representatividade dentro do *Corpus*, selecionando somente aqueles produzidos por acadêmicos de graduação e pós-graduação.

Com relação aos critérios de escolha, utilizamos os materiais cedidos pelos programas das universidades, uma vez que o seu acesso é fácil por estar em domínio público, *on-line*.

3.3 A COLETA DO MATERIAL PARA A INSERÇÃO NOS *CORPORA*

Os trabalhos selecionados foram todos cedidos em formato digital pelas editoras universitárias, professores e alunos para fazerem parte do CPBA para fins de estudo e pesquisa.

Lembramos que antes de serem publicados, os materiais tecnicamente passaram por uma revisão e leitura final dentro das editoras ou sites nos quais os materiais foram disponibilizados.

Foi fundamental transformar todos os arquivos enviados para o formato *.txt*, pois ele nos permite trabalhar com os arquivos por meio dos mais diversos programas (softwares) de pesquisa dentro dos *corpora*.

Segundo Sardinha (2004), a questão da nomenclatura adotada pela linguística de *corpus* é muito variada. Obviamente que a questão tipológica é algo de extrema importância, por essa razão adotamos uma tipologia que nos serve para a análise em busca de dados (ver quadro 3).

Com os materiais em mãos, começamos com o processo de nomeação nos cabeçalhos dos textos para a melhor localização das fontes, títulos, autorias e universidades pesquisadas. Essa parte foi tecnicamente indispensável na confecção do CPBA, pois permite fazer pesquisas mais acuradas destacando dados de autoria, tabulações e estatísticos. Uma vez que os arquivos são nomeados corretamente, o computador pode processá-los. No nosso caso, o CPBA foi organizado a partir de uma legenda, como demonstrado no quadro abaixo:

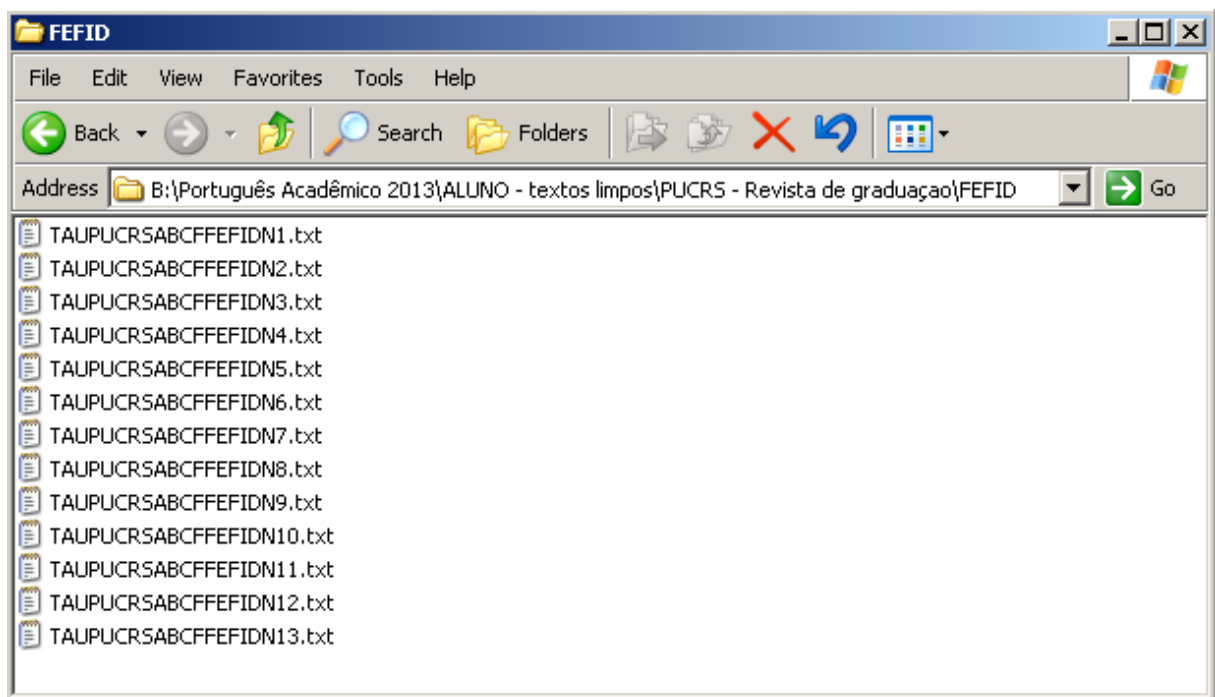
Quadro 03 – Legenda para Cabeçalhos do CPBA

Legenda para Cabeçalhos CPBA			
T	Tipo de material	A	Aluno
		P	Professor
U	Universidade	PUCRS, UFMG, Unifieo, Unileste e USP, UFCE, UFRR, UFMT.	
A	Área	H	Humanas
		AS	Sociais aplicadas
		ETE	Exatas, Terra e Eng.
		BC	Biológicas e Ciê. Saúde
F	Faculdade	FALE, FACIN, FEFID etc.	
N	Número	1,2,3,4...	

Fonte: O autor (2015)

Os arquivos foram lidos, selecionados e divididos por área conforme a legenda acima. Após, os separamos em pastas e os renomeamos como mostrado na figura abaixo:

Figura 01 – O processo de Legendagem do CPBA



Fonte: O autor (2015)

3.4 A LIMPEZA DOS CORPORA E AS CLASSIFICAÇÕES

Após legendados devidamente, ocorreu o processo de limpeza do material: retirada de *hiperlinks*, pontuação desnecessária, correção ortográfica de letras substituídas por símbolos, remoção de figuras, formatação e diagramação. O trabalho de limpeza do *Corpus* foi feito manualmente e revisado pela equipe do grupo UPLA.

A limpeza tem como objetivo facilitar o processo de busca de dados linguísticos no *corpus* pelos *softwares*. Nos casos em que o *Corpus* não está limpo, há muitos equívocos por parte da máquina em distinguir dados linguísticos de fórmulas ou *hiperlinks*, atrapalhando a busca do pesquisador. O nosso objetivo é ver no *corpus* somente a parte textual de língua em uso, a escrita que compõe o texto original. O que nem sempre acontece, caso o *corpus* não esteja bem limpo ou formatado, por exemplo: uma oração pode ficar fragmentada com uma figura ou fórmula no meio, o *software* só localizaria as metades nesse caso, jamais o todo.

A classificação adotada para a nomeação dos *corpora* neste trabalho segue a recomendação do Ministério da Educação (MEC) e do próprio site da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Ambos entendem que o curso de Educação Física, por exemplo, está inserido dentro da área da Saúde, bem como as áreas da Administração, Economia e Contabilidade estão inseridas nas Ciências Sociais.

A medida classificatória foi tomada para que uma análise por áreas pudesse ser feita: uma vez que serão analisados alguns dos cursos escolhidos e seus resultados comparados.

Quadro 04 – Divisão de áreas do CPBA

CIÊNCIAS	ÁREAS	FACULDADES E CURSOS
Exatas	Informática	Ciências da Computação; Sistemas de Informação.
		Engenharia de Computação.
	Engenharia	Engenharia Civil; Engenharia da Computação; Engenharia de Cont. Automação; Engenharia Elétrica; Engenharia Mecânica; Engenharia de Produção; Engenharia Química.
		Direito; Economia; Administração.
Humanas	Ciências Sociais	Psicologia; Farmácia; Odontologia; Enfermagem; Nutrição; Fisioterapia; Educação Física.
	Saúde	Letras
	Educação	Relações Públicas; Marketing; Jornalismo; Publicidade e Propaganda.
	Comunicação	

Fonte: O autor (2015)

3.5 EVIDÊNCIAS DE QUEÍSMO OU DEQUEÍSMO NO CPBA

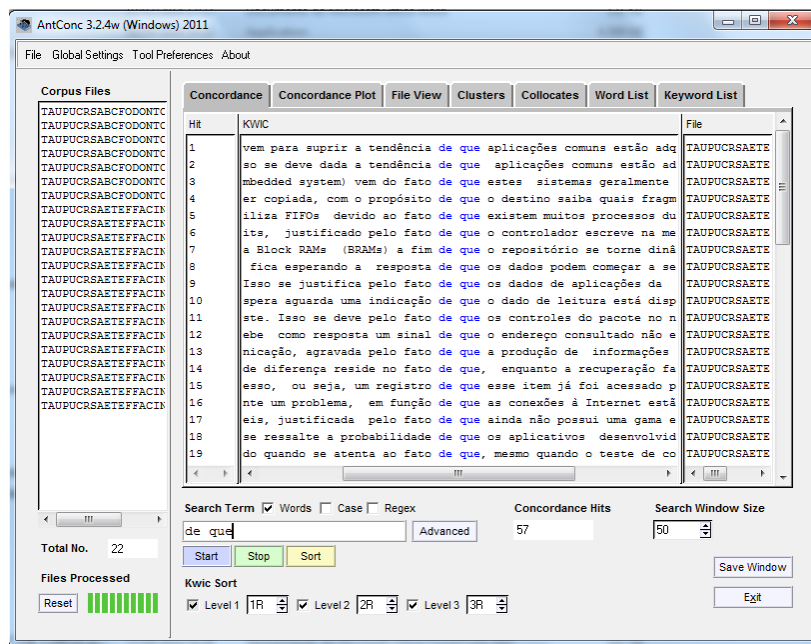
Começamos a busca por meio do software chamado *AntConc*⁵. Tal programa é capaz de analisar *corpus* e *corpora*, fornecendo dados acurados com relação à frequência do uso de uma palavra ou expressão, bem como o número exato de palavras individuais e suas repetições no texto.

⁵ *Ant* refere-se ao animal em inglês, formiga, e *Conc* vem da palavra *concordance* em língua inglesa.

De acordo com Friginal e Hardy (2014, p. 274), o *AntConc* começou como um simples programa de concordância disponível on-line, e, depois de diversas atualizações, se tornou um dos melhores programas do gênero, até hoje, disponibilizado gratuitamente pela Universidade de Waseda.

O *layout* do software pode ser visto na imagem abaixo:

Figura 02 – O *AntConc 3.2.4w* em Funcionamento



Fonte: O autor (2015)

O uso do programa é relativamente fácil, não necessita de uma instalação, sendo portátil dentro de um simples *memory stick*. A fonte (os diferentes *corpora*) que alimenta o programa também pode ser armazenada no mesmo *memory stick*, o que facilita o trabalho do pesquisador: podendo levar consigo o seu grande *corpus* e a ferramenta de análise para estudo onde bem entender.

De acordo com o software AntConc, o CPBA possui em números:

Quadro 05 – Dados do CPBA

Corpus do Português Acadêmico 2013	
Número de arquivos	281
Número de Tokens	22.777.993
Número de Types	69310

Fonte: O autor (2015)

Sardinha (2004) explica que o número de *Types* corresponde às palavras específicas, sem contar com as repetições: a preposição **de** contaria meramente como uma palavra, e dentre as preposições, ela é a mais utilizada no *corpus*. Com relação aos *Tokens*, eles representam o número de palavras total, contando repetições, para medir as extensões de cada *corpus*.

Com relação ao uso do *cluster de que*, o número de acontecimentos é de 3.488. Obviamente que não podíamos fazer uma contagem nos casos em que o nexos preposicional pode ou não ser omitido por falta de tempo: teríamos que verificar a regência verbal ou a complementação de cada verbo onde o fenômeno é passível de ocorrência.

No entanto, fizemos uma seleção das palavras onde o nexos preposicional aparecia com mais frequência, após fizemos comparações dentro do *corpus* para ver o seu uso com ou sem a preposição.

3.6 O QUEÍSMO ENCONTRADO NO CPBA

Como explicado no capítulo anterior, o uso do fenômeno queísta é facilmente identificado quando utilizado; nos casos em que o autor do texto resolve omiti-lo, é necessário fazer uma lista de palavras na qual a frequência do *cluster de que* pode ocorrer e verificar cada um dos verbos ou expressões que evoquem o uso do fenômeno. Ou seja, a busca por evidências da falta do uso, nas quais poderia haver e não há, se torna um serviço um tanto extenuante.

Ao analisarmos o CPBA, notamos certa instabilidade normativa dentro de um mesmo padrão linguístico, o acadêmico. Com frequência, encontramos o uso

flutuante, ora com a preposição, ora sem, dentro da mesma obra pesquisada, como por exemplo:

30) Espero **que** a pesquisa obtenha bons resultados.

31) Tenho a esperança **de que** a pesquisa será um sucesso.

Exemplos que, em minha opinião, podem dar margem a uma estrutura dequeísta hipotética como:

32) Espero **de que** a pesquisa traga resultados positivos.

Visando uma perspectiva mais didática, dividiremos os resultados encontrados no CPBA em dois grupos: Verbos + que e as Completivas Nominais.

3.6.1 GRUPO 1: VERBOS + QUE

Trata-se de verbos transitivos que têm como complemento uma sentença começada com a conjunção **que**. Como critério morfo-semântico, essa sentença é um complemento direto com preposição zero. Os 29 verbos mais utilizados (até a posição 198) desse grupo de acordo com o CPBA são os seguintes:

Quadro 06 – Verbos com a Transitividade Direta

Verbos com a Transitividade Direta							
1 ^a	Querer	8 ^a	Controlar	15 ^a	Acrescentar	22 ^a	Dizer
2 ^a	Mostrar	9 ^a	Apoiar	16 ^a	Explicar	23 ^a	Concluir
3 ^a	Indicar	10 ^a	Gastar	17 ^a	Pesquisar	24 ^a	*Mencionar
4 ^a	Dizer	11 ^a	Concluir	18 ^a	Definir	25 ^a	Verificar
5 ^a	Garantir	12 ^a	Determinar	19 ^a	*Acreditar	26 ^a	*Comprovar
6 ^a	Comentar	13 ^a	Permitir	20 ^a	*Afirmar	27 ^a	Constatar
7 ^a	Explicar	14 ^a	Considerar	21 ^a	Ser	28 ^a	Mostrar

Fonte: O autor (2015)

Destes verbos, somente os marcados com asterisco aparecem raramente (1 ou 2 vezes) com a preposição, marcando o fenômeno dequeísta, observe os exemplos:

- 33) O entrevistado tinha afirmado **de que** haveria a possibilidade.
- 34) Os resultados comprovam **de que** não seria mais possível.
- 35) Antônio Ermírio sempre acreditou **de que** o Brasil é uma potência em desenvolvimento.

Nos demais exemplos encontrados no *corpus*, não foi observada nenhuma anomalia quanto ao uso padrão em PB.

3.6.2 GRUPO 2: COMPLETIVAS NOMINAIS

Na tabela abaixo, temos uma pequena lista de *clusters* provenientes do *Corpus* do Português Brasileiro Acadêmico. Aqui temos um exemplo de como a preposição **de** diante de **que** é (ou não) utilizada e a frequência em cada situação.

A lista de palavras abaixo foi originada de uma ferramenta chamada *Word List* dentro do programa *AntConc*. Após observarmos o uso do **de que**, separamos as palavras (expressões) que nos pareciam mais atreladas ao fenômeno queísta. Uma vez feita a seleção, testamos completivas nominais com e sem a preposição, obtendo a tabela⁶ abaixo.

⁶ A tabela referida é somente uma amostra, ela não abrange todas as sentenças completivas nominais do corpus onde encontramos o fenômeno queísta.

Quadro 07 – De Que nas Completivas Nominais

Completivas Nominais			
Sentenças	Nº. Ocor.	Sentenças	Nº Ocor
A fim de que	41	Certificar que	1
A fim que	2	Com o objetivo de que	2
Ao fato de que	74	Com o objetivo que	8
Ao fato que	3	Garantia de que	14
Boato de que	1	Garantia que	1
Boato que	6	Ideia de que	35
Certeza de que	37	Ideia que	4
Certeza que	17	Princípio de que	10
Certificar de que	4	Princípio que	2

Fonte: O autor (2015)

Os dados da tabela vieram de sentenças como:

- 1) Precisamos montar os resumos **a fim de que** tenhamos melhores insumos.
- 2) Foi confirmado o **boato de que** muitas participaram do comício.
- 3) Foi a certeza de que precisávamos.
- 4) O estudo foi aperfeiçoado com o objetivo de que todos participassem.
- 5) É a velha ideia de que participar o tornaria mais humano.

Como observado na tabela, há uma preferência por parte dos escritores em utilizar o *cluster de que* com orações completivas nominais, pois há uma necessidade de fazermos uma conexão com a próxima sentença por meio da conjunção **que**, a preposição viria com o intuito de complementar o verbo. Discutiremos mais a respeito desse assunto no capítulo 4.

3.7 O DEQUEÍSMO ENCONTRADO NO CPBA

Como já estudado no decorrer do trabalho, sabemos que o dequeísmo é uma inconsistência dentro da língua ao observarmos a não transitividade dos verbos e as preposições com eles utilizadas. Justamente por acharmos o fenômeno diferente

dentro da língua, resolvemos fazer uma separação mais minuciosa para ver se há algo de tendencioso dentro das diferentes esferas (cursos).

Por se tratarem de contextos dequeístas, achamos melhor exemplificar com todo o contexto para que pudéssemos melhor observar o fenômeno dentro do CPBA.

Originalmente há duas ciências (exatas e humanas) com seis grandes áreas compostas de 25 cursos. Escolhemos 4 das grandes áreas por encontrarmos evidências mais substanciais (mais exemplos do fenômeno) e *corpora* com extensões maiores.

Tanto a Educação quanto a Engenharia não mostraram dados muito relevantes com relação ao dequeísmo, quase inexistente na área da educação, onde havia somente o curso de letras, e com pouca frequência na área de engenharia pela falta de uso corrente de estruturas subordinadas que propiciassem o (de)queísmo.

Escolhemos, então, analisar áreas como:

- A) Informática
- B) Ciências Sociais
- C) Saúde
- D) Comunicação

À primeira vista, pareceu-me estranho ter encontrado o fenômeno dequeísta na área da comunicação e muito pouco na área da saúde, por exemplo. Talvez a justificativa esteja na quantidade de texto disponível nos *corpora* estudados. Nota-se que há um volume textual imenso na área da comunicação, comparado ao baixo volume na área da saúde, engenharia e informática. Vale lembrar que as proporções dos CPBA diferem: ele não é isomórfico.

Outro fator decisivo foi o aparecimento do **de que**, praticamente inexistente em algumas áreas da saúde e da engenharia, talvez pelo pouco volume de frases subordinadas até onde pude perceber.

Quatro tabelas foram montadas, nelas há:

- A) Uma identificação quanto ao tipo de material coletado.
- B) Hints: quantidade de vezes em que o *AntConc* encontrou o agrupamento lexical **de que**.
- C) Types o número de palavras específicas

D) Tokens o número de palavras total dentro do grupo ou *corpus*.

Eis as tabelas e alguns exemplos com o dequeísmo:

Quadro 08 – O Uso de Dequeísmo na Ciência Social

CIÊNCIAS SOCIAIS				
Revista de Graduação, Materiais Didáticos e Livros.		Hints	Type	Tokens
		74	12554	342747
1	Ortiz (2003) menciona de que como os indivíduos por estarem respondendo a uma pesquisa podem mencionar uma disposição a pagar mais elevada por saberem que se trata de uma simulação.			
2	A análise ambientalista diante do modelo de desenvolvimento schumpeteriano pode ser vista de acordo com Montibeller (2004) de que a teoria não demonstra preocupação com o meio ambiente, principalmente na questão da degradação do meio.			
3	O exame do controle interno é efetuado principalmente para determinar a sua adequação e efetividade e indicar a extensão que devem ter os seus processos de auditoria independente, a fim de que satisfizer da adequação e fidedignidade das representações contidas nas Demonstrações Contábeis que está auditando.			
4	A opinião do entrevistado “B” é de que as maiores dificuldades estão relacionadas ao participante.			
5	A compreensão do equilíbrio de que tanto quero fica seriamente comprometida.			

Fonte: O autor (2015)

Quadro 09 – O Uso de Dequeísmo na Saúde

SAÚDE				
Revista de Graduação, Materiais Didáticos e Livros.		Hints	Types	Tokens
		25	590	10584
1	Ele pensava de que poderia ser campeão.			
2	Apresentações como esta induzem o entendimento de que por ser um medicamento muito utilizado ou seguro.			
3	Risco para ocorrência do evento, bem como de que a ausência das principais mutações.			
4	Para o ocorrido se dá ao fato de que aproximadamente 2 a 12% dos adultos precisam do medicamento.			
5	É irregular, descartando de que possa haver diferenciação no acúmulo.			

Fonte: O autor (2015)

Quadro 10 – O Uso de Dequeísmo na Área da Informática

INFORMÁTICA				
Revista de Graduação, Materiais Didáticos e Livros.		Hints	Types	Tokens
		59	13584	772925
1	O processo fica esperando a resposta de que os dados podem começar a ser enviados através do programa.			
2	A influência caótica pode ser verificada de que muitos sistemas com normas semelhantes demonstram resultados.			
3	A relação dos valores de que são estimados não é suficiente.			
4	Tem um peso maior que o tempo, devido de que o benchmark está focado mais na qualidade do que.			

Fonte: O autor (2015)

Quadro 11 – O Uso de Dequeísmo na Área da Comunicação

COMUNICAÇÃO				
Revista de Graduação, Materiais Didáticos e Livros.		Hints	Types	Tokens
		220	23934	1491325
1	Desenvolvimento do som estéreo deu-se pela razão de que os seres humanos possuem dois ouvidos.			
2	Fica muito claro de que o SBT se baseou em ações de marketing inteligente.			
3	Como diria Kierkegaard, a se esquecer de que ele é um sujeito existente.			
4	A perspectiva é de que , sim, os consumidores- colaboradores sejam uma te			
5	Cabeceira do Homem – revista em formato de livro, de que João Antônio era editor.			
6	Se desenvolveu com os pés firmes na máxima de que o repórter deve presenciar e relatar os fatos.			
7	Há também a informação de que a Camargo Corrêa fez doações para o partido.			
8	Além disso, é informado de que , em caso de investigações criminais contra suspe, o suspeito não estaria presente.			

Fonte: O autor (2015)

Como mencionado anteriormente, os resultados aqui mostrados são insignificantes perto de todo conjunto de dados do CPBA, não demonstrando tendência alguma com relação ao movimento dequeísta já em desuso segundo números provenientes do CPBA.

Os dados levantados aqui servem para mostrar que, apesar da baixa frequência, ainda há o uso do dequeísmo até mesmo no meio acadêmico, não corroborando uma de nossas hipóteses.

Como mencionado anteriormente, todos os materiais analisados foram supostamente enviados para uma revisão e leitura final antes de serem publicados pelas editoras e *sites*. O que descartaria, tecnicamente, equívocos e nos mostraria a linguagem real em uso no meio acadêmico.

Vale a pena lembrar que, no entanto, sabemos que as amostras de uso do dequeísmo são baixas, e nos arriscamos a dizer que são insignificantes. Não descartamos aqui a hipótese de que possa ter havido um descuido maior com esses fragmentos textuais mostrados acima, onde uma revisão mais cuidadosa poderia ter evitado tais problemas, que nos parecem estar mais no nível da sentença, em sua maioria.

No próximo capítulo, adentraremos na análise a partir de todo o referencial teórico abordado no capítulo 2.

4 RESULTADOS E ANÁLISE

Faremos agora uma reflexão acerca dos dados obtidos no capítulo anterior. Como já mencionado no decorrer deste trabalho, estávamos em busca da preposição **de** conectando-se com o pronome **que**, tanto como relativizador, quanto como complementizador. Desde o início do trabalho, as hipóteses eram:

- 1) Não há mais o uso de dequeísmo no português acadêmico.
- 2) O uso da preposição no fenômeno queísta é evitado em virtude da opção de apagamento, mesmo estando de acordo com as gramáticas tradicionais como Ferreira (2003), Azeredo (2013) etc.
- 3) Existiria um padrão em PBA quanto ao uso do (de)queísmo.

A hipótese número 1 foi refutada. Embora pouco recorrente, é possível encontrar exemplos de dequeísmos nas diversas áreas pesquisadas. Se por uma questão de hipercorreção ou mero erro, ainda não sabemos. Como já mencionado antes, o material que entrou no corpus foi, supostamente, reeditado e corrigido por pessoas diferentes antes de serem publicados, o que nos leva a crer que ainda há o uso do fenômeno dequeísta na academia, embora assumimos que a sua frequência é baixa em vista ao volume textual no qual está inserido.

Já a hipótese número 2 foi refutada parcialmente. Como mostrado na tabela das completivas nominais, há uma preferência pelo uso da preposição **de** diante de um **que** complementizador nominal. Embora haja verbos em que essa tendência não seja verdadeira, representaram um número baixo dentro da nossa pesquisa, não sendo um número significativo, a nosso ver, para corroborar a hipótese 2 nas completivas nominais.

Corroboramos a hipótese número 3, pois achamos certa regularidade, como foi mencionado no parágrafo acima nas completivas nominais e, obviamente, nas objetivas indiretas, apesar de não terem sido evidenciadas. Embora houvesse algumas exceções, especialmente nas completivas nominais, notamos que há em torno de 11%, percentual não muito significativo para invalidar a nossa hipótese que perseverou.

Vamos agora a uma análise dos dados tendo em vista o referencial teórico do presente trabalho.

4.1 OS DADOS ENCONTRADOS NO CPBA

Como observado desde o início, a pesquisa foi conduzida em diferentes faculdades dentro da PUCRS e de outras instituições brasileiras, para que pudéssemos ter um panorama mais abrangente do fenômeno na modalidade acadêmica de língua. Não teria muita utilidade para nós selecionarmos dados por unidade acadêmica, uma vez que havia certa discrepância no número de materiais para cada área. Para citar um exemplo, o *corpus* das Faculdades de Farmácia é 1/5 do tamanho do *corpus* das Faculdades de Jornalismo.

Para melhor mensurarmos os dados, fizemos 4 agrupamentos distintos: Saúde, Comunicação, Informática e Ciências Sociais. Dentro das tabelas com os dados textuais, colocamos colunas com informações relevantes como:

A) Hints: O número de ocorrência do *cluster de que*, independentemente se for queísmo ou dequeísmo.

B) Types: O número de palavras total de cada *corpus* analisado, sem contar as repetições.

C) Tokens: O número total de palavras, contanto as repetições.

Os números de Types e Tokens foram importantes no trabalho, pois, como já havia sido explicado, havia uma disparidade no tamanho dos *Corpora*. Alguns *corpora* têm um volume textual maior que outros. Por fim, montamos a coluna dos *Hint*, onde temos o **de que** e a sua frequência nos *corpora*.

Eis a tabela do queísmo (hints), mais o tamanho do conteúdo textual, de modo geral⁷, dentro das áreas:

⁷ A análise feita acerca do (de)queísmo foi manual. Devido à falta de recursos (softwares pagos) para analisar as sentenças no *corpus*, as sentenças foram analisadas e contadas, uma por uma.

Quadro 12 – Ocorrências do *Cluster de que*

ÁREAS	Hints	Types	Tokens
Comunicação	220	23934	1491325
Saúde	6	4471	20261
Informática	59	13584	772925
Ciências Sociais	74	12554	342747

Fonte: O autor (2015)

Como já previsto, as áreas da comunicação e das ciências sociais obtiveram mais resultados (hints) em virtude do alto número de textos no *corpus*. Observamos que o ranking de uso do **de que** (em um contexto queísta) é:

- 1º - Comunicação
- 2º - Ciências Sociais
- 3º - Informática
- 4º - Saúde

Achamos que os resultados acima influenciariam a tabela abaixo no que diz respeito ao número de palavras por área, podendo haver maior possibilidade para a ocorrência do dequeísmo. Uma vez que há um número maior de orações subordinadas. Observe:

Quadro 13 – Ocorrências de Dequeísmo

	Hints	Types	Tokens
Comunicação	8	23934	1491325
Saúde	2	4471	20261
Informática	6	13584	772925
Ciências Sociais	4	12554	342747

Fonte: O autor (2015)

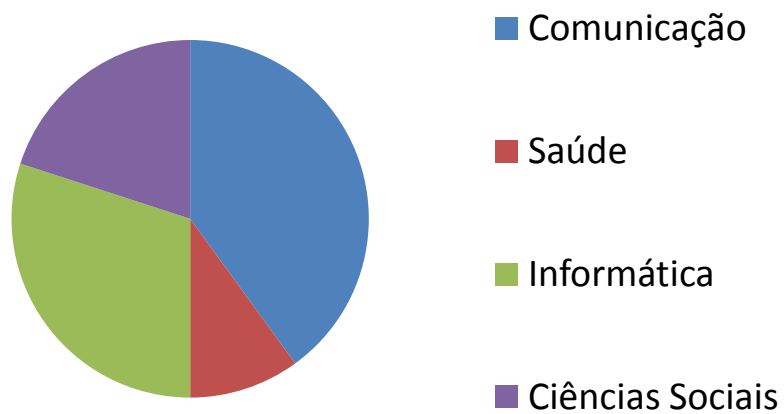
Notamos aqui uma diferença no ranking evidenciado no parágrafo anterior. Os novos resultados nos permitem uma interpretação diferente:

- 1º - Comunicação
- 2º - Informática
- 3º - Ciências Sociais
- 4º - Saúde

Com relação ao uso inadequado do agrupamento lexical **de que**, entendemos que pode haver uma tendência nos cursos de informática e de comunicação em utilizar o fenômeno devido a uma hipercorreção, o que talvez não aconteça muito nas ciências sociais, pois o cuidado com a linguagem nos parece maior, uma vez que os textos são de cunho jurídico e administrativo, provenientes de contratos e legislações.

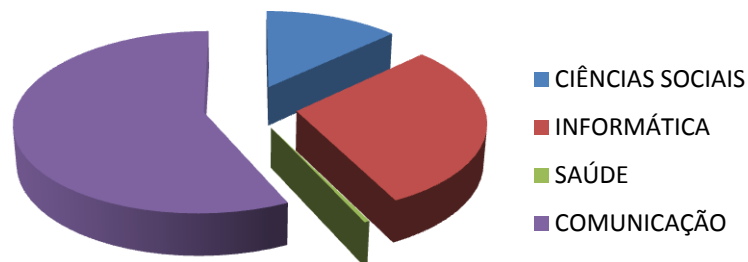
Veja abaixo o gráfico com relação ao uso do dequeísmo, após o número de dados que alimentou o CPBA.

Gráfico 01 – Usos do Dequeísmo nas Áreas



Fonte: O autor (2015)

Gráfico 02 – Dados Disponíveis no CPBA



Fonte: O autor (2015)

4.2 ANÁLISE QUANTO À TRADIÇÃO NORMATIVA / FUNCIONAL

Ao analisarmos uma produção textual acadêmica, geralmente partimos de um ponto de vista gramatical normativo, pois a norma culta padrão é a preferencial nas academias brasileira. Lembramos que o objetivo do trabalho não é seguir uma corrente tradicional de regras e usos da língua, e sim fazer uma análise do que acontece nela.

Como elucidado no capítulo 2, o uso variável do queísmo em PB recai em dois tipos de orações: as Subordinadas Substantivas Objetivas Indiretas e as Subordinadas Substantivas Completivas Nominais. Veja os respectivos exemplos oriundos do CPBA:

- 1) Todos os fornecedores devem-se assegurar **de que** as alterações foram feitas.
- 2) O processo fica esperando a resposta **de que** os dados podem começar a ser enviados.

Dos gramáticos estudados até então no trabalho, muitos são favoráveis ao uso de **do que** quando há uma relação de complementação, pois assim são as regras da gramática tradicional. Para mais detalhes, veja Cunha & Cintra (2008) e Campedelli e Souza (2008).

Ainda do ponto de vista normativo, outros gramáticos como Cegalla (2005) e Ferreira (2003) são mais adeptos à elipse do nexos preposicional, baseando-se em textos jornalísticos mais atuais e enxergam o fenômeno do apagamento como algo novo na língua escrita e, principalmente, na oral. De acordo com a visão dos autores, como já explicado no capítulo 2, ambos considerariam as seguintes frases do CPBA como estando de acordo com a norma culta padrão:

- 1) Lembre-se **de que** o documento só fica disponível por 24h.
- 2) Não se lembrou **Ø que** havia cometido um equívoco.

O mesmo raciocínio serviria para as orações completivas nominais, como em:

- 1) Está mais no sentido **de que** ele emerge nas ações cotidianas.

A elipse da preposição causaria pouca diferença de significado nesse contexto, estando adequada de acordo com a norma gramatical em Ferreira (2003) e Cegalla (2005).

O próprio Azeredo (2013) ainda acrescenta que o uso das preposições **de** é opcional na norma culta e dificilmente usada no uso coloquial da língua. É importante também considerarmos que há uma preferência pelo uso do nexos preposicional em orações subordinadas completivas nominais, como já havíamos demonstrado no capítulo 3. Embora haja algumas exceções quanto ao apagamento da preposição, elas não são significativas: em torno de 11,11% no estudo realizado dentro do CPBA.

Como mostrado no capítulo 2, Azeredo (2013) menciona que substantivos como *ideia*, *fato*, *hipótese* e *boato* servem para modalizar o conteúdo das orações completivas, porém o autor não cita que o nexos poderia ser opcional.

Analisando os dados do CPBA, observamos que o **de que** tem uma alta frequência junto aos substantivos recém citados no parágrafo acima. Veja as imagens abaixo:

Figura 03 – O De Que com Substantivos Modalizadores

The screenshot shows the AntConc 3.2.4w (Windows) 2011 interface. The main window displays a concordance search for the term "de que". The search results are shown in a table with three columns: Hit, KWIC, and File. The search term is "de que", and the total number of hits is 1783. The search window size is set to 50. The interface also shows a list of corpus files on the left and a search term input field at the bottom.

Hit	KWIC	File
1	r ao agir pedagógico estará ciente de que não se pode suprimir	TPUPUCRSAHFF
2	pode suprimir da pedagogia o fato de que ela lida com valores	TPUPUCRSAHFF
3	ncias da educação. Nossa posição é de que a multiplicidade de	TPUPUCRSAHFF
4	fragmentados, ignorando o conjunto de que faz parte e a perda	TPUPUCRSAHFF
5	. Embora eu não esteja convencido de que nosso tempo seja marc	TPUPUCRSAHFF
6	ura com a modernidade, estou certo de que vivemos um conjunto	TPUPUCRSAHFF
7	ia de um destino humano coletivo e de que podemos ter ideais q	TPUPUCRSAHFF
8	, exatamente com base no argumento de que os campos se definem	TPUPUCRSAHFF
9	corrente do Conhecimento em rede é de que os conhecimentos dis	TPUPUCRSAHFF
10	iormente acumulada, mas no sentido de que ele emerge nas ações	TPUPUCRSAHFF
11	da consciência política, na idéia de que a história tem uma f	TPUPUCRSAHFF
12	as pedagogias pós-modernas a idéia de que, num contexto da plu	TPUPUCRSAHFF
13	e num entendimento muito explícito de que o trabalho pedagógic	TPUPUCRSAHFF
14	idades das línguas humanas: o fato de que são instrumentos fle	TPUPUCRSAHFF
15	ância social, mas também pelo fato de que textos pertencentes	TPUPUCRSAHFF
16	socialis. É mínima a possibilidade de que o aluno venha a comp	TPUPUCRSAHFF
17	s. Em primeiro lugar, está o fato de que ninguém escreve como	TPUPUCRSAHFF
18	os. Em segundo lugar, está o fato de que, nas sociedades letr	TPUPUCRSAHFF
19	e se aceite a idéia despropositada de que .ninguém fala corret	TPUPUCRSAHFF

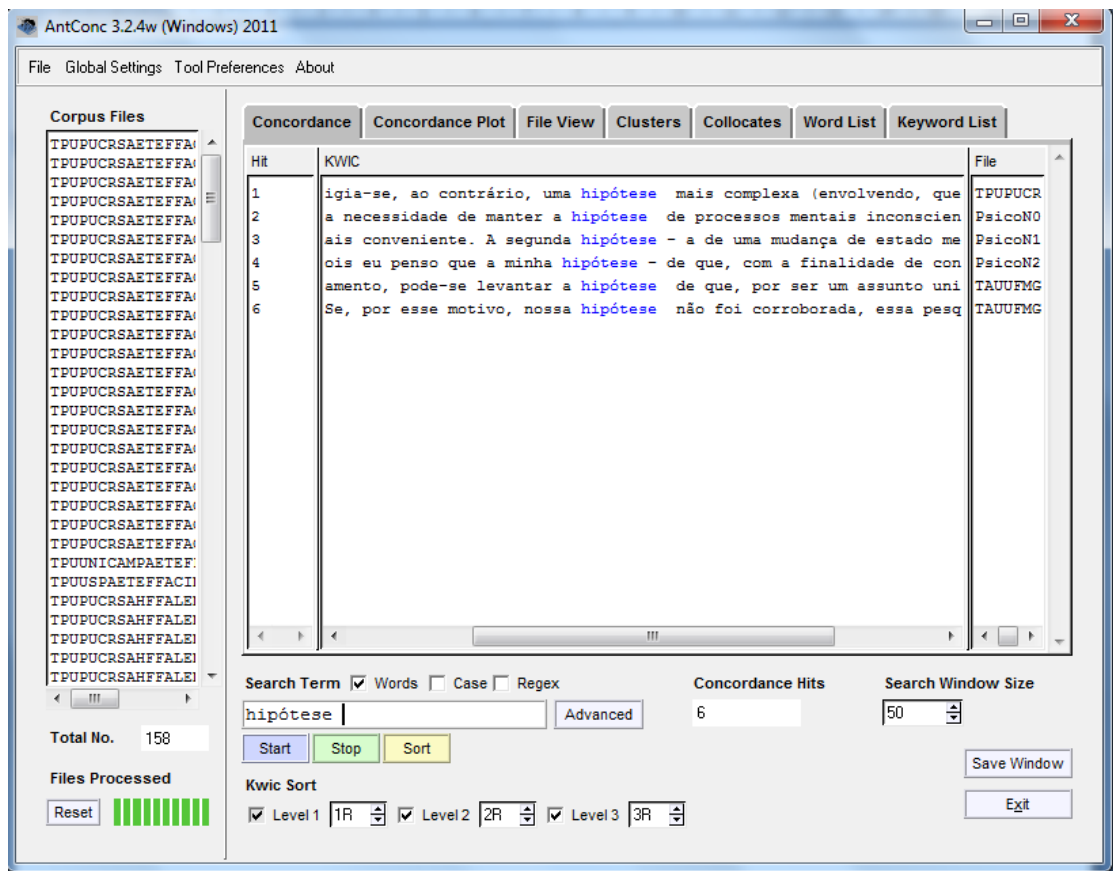
Fonte: O autor (2015)

Observamos que ao fazer uma simples pesquisa com o **de que**, encontramos várias ocorrências já na primeira página. Para ser mais preciso:

- 304 ocorrências da preposição com o substantivo *fato*.
- 19 ocorrências da preposição com o substantivo *ideia*.

Em contrapartida, encontramos poucos exemplos com o substantivo *hipótese*, somente 6 ocorrências. O substantivo *boato* não obteve resultados.

Figura 04 – O De Que com o substantivo *Hipótese*



Fonte: O autor (2015)

Embora Azeredo (2013) não deixe claro se o emprego da preposição é opcional ou não, notamos que no CPBA o seu uso nos parece frequente. Porém, devemos observar que o uso da preposição com o substantivo *fato* é também variável. Veja os exemplos extraídos do CPBA:

- 1) Vamos ater-nos ao fato **Ø que** isso comprova tudo o que já foi falado.
- 2) Não me parece surpresa o fato **de que** os estudantes estejam indecisos quanto...

Após analisarmos todas as considerações, a elipse nos parece um movimento comum, embora o seu uso seja visto de forma numerosa também nos exemplos do CPBA.

Até o presente momento, nos parece difícil tomar partido quanto ao uso ou não. Observamos um uso inconstante, que não segue o padrão do CPBA.

4.3 QUANTO À SUBORDINAÇÃO

Antes da questão relativa à significação, a estrutura parece ter um papel fundamental. Partindo de uma perspectiva mais funcionalista, não podemos pensar que a sintaxe independe da semântica da sentença. Ora, entendemos que a preposição serve para fazer um encaixe entre as orações.

Como observado no capítulo 2, Perini (2009) demonstra que as orações completivas nominais não possuem o nexos preposicional dentro da sua estrutura: o uso da preposição mais o complementizador estão ali para fornecer o encaixe para que a segunda oração aconteça.

Examine o exemplo extraído do CPBA:

- 1) Teve a impressão **de que** o vértice estava na direção correta.

Ao adentrarmos na obra de Perini (2009), entendemos que o autor considera somente a frase *o vértice estava na direção correta* como a subordinada, e não o agrupamento lexical **de que**.

O autor explica que se o **de que** pudesse ser parte de alguma das orações, poderíamos mentalmente aceitar a frase *de que o vértice está na direção correta* ocorrendo sozinha em um período. Porém, não a aceitamos, nem no começo da segunda sentença, tampouco no final da primeira, se estivesse atrelado à coordenada. Ele (o nexos preposicional) definitivamente não pertenceria a nenhuma oração, sendo classificado aqui inicialmente como termo conector de orações.

Na opinião do autor, a segunda sentença tem todas as características de uma sentença completa, como sujeito e predicado, não necessitando da preposição para ocorrer normalmente. Simplesmente o conector **que** daria conta dessa tarefa.

O que mais uma vez nos causa certo estranhamento, se a própria língua tende a se simplificar, por que ainda há um uso frequente do nexos preposicional, quando o conector, por si só, bastaria. Notamos aqui que o significado da preposição **de** poderia ser nulo. Embora ela faça parte da regência do verbo ou da

expressão na matriz, ela não causa muita interferência na sentença em si, não sendo tão necessária à oração subordinada, tampouco à coordenada.

Falaremos agora do significado da preposição, uma vez que o escritor decide ou não atrelá-lo à sentença e o quão fundamental ela pode vir a ser. Afinal, de acordo com as palavras de Mollica (1995), os conectores têm frequentemente um valor significativo.

4.4 QUANTO AO SIGNIFICADO

A aceitabilidade da maioria das sentenças observadas a partir do CPBA é indiscutível. Embora alguns gramáticos exijam o uso da preposição no movimento queísta, outros são mais flexíveis. Na própria origem, as preposições pareciam ser vazias de sentido, como menciona, Mollica (1995).

Brandão (1963) menciona que a inclusão das preposições em PB gerou certa desorganização no sistema indo-europeu de declinação – de forma que nas línguas neolatinas a preposição se sobrepõe às flexões de caso, aparecendo em todos os complementos. Em PB e LE, chegou ao extremo de fazer com que haja exemplos de objeto direto preposicionado como em:

- 1) **Ao** médico é que não enganam.

Apesar de haver um número bem expressivo de preposições em PB, a preposição **de** é a mais frequente (fato observado dentro do CPBA). Não devemos esquecer também do importante valor semântico nela agregado.

Como já demonstrado no capítulo anterior, a preposição **de** pode ou não ocorrer dentro de sentenças subordinadas completivas nominais e de objetivas indiretas de forma opcional, sem que - a nosso ver - haja uma interferência no sentido. Considere os exemplos:

- 1) Tinha a certeza **de que** suas ideologias eram inadequadas.
- 2) Ele fez isso com o objetivo **que** eu fosse para casa.

Como falantes nativos de PB, em ambos os exemplos citados acima (provenientes do CPBA), não nos parece ruim a elipse ou a presença do nexos

preposicional em ambas as sentenças, tampouco nos parece haver diferença no sentido das sentenças com ou sem o nexos.

Claro que nos casos onde há o dequeísmo, não só nos soa mal o emprego equivocado da preposição, como causa dúvidas com relação ao sentido proposto pelo autor. Observe os exemplos:

- 1) A opinião do entrevistado “B” é **de que** as maiores dificuldades estão relacionadas ao participante.
- 2) A compreensão do equilíbrio **de que** tanto quero fica seriamente comprometida.

Em PB, não temos o costume de colocar a preposição **de** após o verbo *ser*, salvo quando faz referência à matéria prima, origem etc. Portanto, a preposição na sentença 1 não nos soa bem justamente pelo uso que se faz dela atrelada ao verbo *ser*. A continuação da sentença não nos passa a ideia de origem, muito menos de matéria, estando mal empregada no contexto referido.

Na sentença número 2, algo semelhante acontece. O equilíbrio não parece ser oriundo de alguma pessoa, objeto ou lugar. O **de que** aparece simplesmente para conectá-la à próxima sentença de forma equivocada, pois o nexos não seria necessário e passa uma ideia diferente da inicialmente proposta na sentença.

A base semântica da preposição **de** é muito forte e expressiva, contendo uma pluralidade enorme de sentidos que pode causar certo estranhamento quando não é bem utilizada, como na última sentença analisada.

Lembramos que a autora Mollica (1995) faz uma importante constatação: onde quer que a base semântica da preposição seja transparente (não tão forte ou significativa), o seu uso tende a desaparecer. Temos uma certa dúvida quanto a isso.

Ao longo do trabalho, no entanto, constatamos que essa afirmação não se aplica no PBA. As evidências apontadas no CPBA nos mostram que há uma tendência forte pelo uso da preposição nos contextos em que as orações são subordinadas completivas nominais.

4.5 QUANTO À MOTIVAÇÃO SEMÂNTICA

Partindo de uma perspectiva mais funcional, Givón (2001) coloca que descobrir traços funcionais significa apontar uma funcionalidade comunicativa da variante. Para o autor, a sintaxe não é autônoma, mas sim decorrente da função fora da sua esfera.

Ou seja, falamos aqui de um **de que** mais funcional, repleto de sentido e razão de estar na sentença. Como já evidenciado antes no decorrer de trabalho, o uso do **de que** ainda nos parece flutuante; ora é utilizado, ora não é; com leves tendências em alguns tipos de sentenças, motivadas talvez por construções parecidas, como no caso dos exemplos abaixo:

- 1) Ele duvida **das** suas capacidades no ambiente de trabalho.
- 2) E fica a dúvida **de que** algum dia eu poderei cumprir com essa tarefa.

Entendemos aqui que a sentença número 2 poderia ser motivada pela transitividade indireta do verbo *duvidar*, como na sentença 1.

Evidentemente que esse é um caso separado, e há mais tipos de sentenças em que o queísmo ocorre: lembramos que apesar de todo o estudo, ainda é pouco o que podemos afirmar sobre as suas possíveis construções e motivações.

O que podemos dizer, baseados nos estudos da teoria e observando-a dentro do CPBA, é que o emprego do nexos preposicional aparece com uma carga significativa de 'assunto', 'equivalência' e 'referência'. Em muitos casos (sem a intenção de ser restritivo), podemos substituir a preposição **de** por 'sobre', 'acerca de' e 'a respeito de', como nos exemplos abaixo na devida ordem:

- 1) Não tinha a certeza **de que** ele havia ido de fato. (Sobre)
- 2) Ocorreu devido ao fato **de que** ele foi condenado. (A cerca de)
- 3) Ela fez a afirmação **de que** eu estaria ajudando no setor. (A respeito de)

Porém, enfatizamos que o emprego do **de que** é variável - alternando-se com a variante '**Ø que**' - e a motivação semântica é uma dentre muitas forças favoráveis à emergência do **de que**, competindo com forças que conduzem à direção contrária, isto é, à elipse de **de** e o conseqüente emprego da variante '**Ø que**'.

Assim como fez Mollica (1995), identificamos os verbos em PB que são seguidos por **que**. Veja os exemplos extraídos do CPBA:

Quadro 14 – Verbos com a Transitividade Direta

Verbos com a Transitividade Direta							
1 ^a	Querer	8 ^a	Controlar	15 ^a	Acrescentar	22 ^a	Dizer
2 ^a	Mostrar	9 ^a	Apoiar	16 ^a	Explicar	23 ^a	Concluir
3 ^a	Indicar	10 ^a	Gastar	17 ^a	Pesquisar	24 ^a	*Mencionar
4 ^a	Dizer	11 ^a	Concluir	18 ^a	Definir	25 ^a	Verificar
5 ^a	Garantir	12 ^a	Determinar	19 ^a	*Acreditar	26 ^a	*Comprovar
6 ^a	Comentar	13 ^a	Permitir	20 ^a	*Afirmar	27 ^a	Constatar
7 ^a	Explicar	14 ^a	Considerar	21 ^a	Ser	28 ^a	Mostrar

Fonte: O autor (2015)

Como já elucidado, os verbos marcados com o asterisco representam a inserção indevida da preposição, confirmando a nossa ideia de que o emprego da preposição é muito variável nos mais diversos casos.

Mesmo utilizando o teste intuitivo de Mollica (1995), como explicado no capítulo 2, as sentenças, ainda sim, não nos parecem cabíveis. Veja os exemplos:

- 1) O entrevistado tinha afirmado **de que** haveria a possibilidade.
- 2) Os resultados comprovam **de que** não seria mais possível.
- 3) Antônio Ermírio sempre acreditou **de que** o Brasil é uma potência em desenvolvimento.

Na sentença número 1, o teste intuitivo não funcionaria porque não nos soa natural *afirmar sobre de que haveria a possibilidade*. Tampouco *comprovar a respeito de que não seria mais possível* ou *acreditar acerca de que o Brasil é uma potência*.

Temos que ressaltar o fato de que exemplos como esses acima são raros no CPBA. O número encontrado, nem de longe, pode indicar uma tendência em PBBA para qualquer uma das áreas de onde os exemplos tenham sido extraídos, e sim demonstrar o que está acontecendo, com frequência ou não, na língua.

No próximo subcapítulo, adentraremos a questão funcional do queísmo dentro da língua, aspectos que tangem a sua questão de relação com a sintaxe e semântica.

4.6 QUANTO À FUNCIONALIDADE E À ADEQUAÇÃO

Como já demonstrado no trabalho, há duas forças opostas na questão do queísmo: uma que orienta para a emergência da preposição, e outra que propõem uma elipse. Relembrando que, para Azeredo (2013), a presença ou ausência do nexa é proporcional a sua funcionalidade. Já em Ferreira (2002), as preposições podem ser omitidas contanto que não haja prejuízo na comunicação.

Analisando os exemplos obtidos via *corpus*, tais ideias não parecem surtir muito efeito no CPBA. A noção da funcionalidade em Azeredo nos parece muito afastada dos números provenientes das tabelas, especialmente quando analisamos a tabela dos complementos nominais abaixo:

Quadro 15 – Sentenças Completivas Nominais

Completivas Nominais			
Sentenças	Nº. Ocor.	Sentenças	Nº Ocor
A fim de que	41	Certificar que	1
A fim que	2	Com o objetivo de que	2
Ao fato de que	74	Com o objetivo que	8
Ao fato que	3	Garantia de que	14
Boato de que	1	Garantia que	1
Boato que	6	Ideia de que	35
Certeza de que	37	Ideia que	4
Certeza que	17	Princípio de que	10
Certificar de que	4	Princípio que	2

Fonte: O autor (2015)

Ao observarmos os números e os exemplos, notamos que há uma preferência pelo nexos preposicional, mesmo quando o apagamento não causa, aparentemente, uma mudança de significado. Considere os exemplos extraídos do CPBA:

- 1) Nós tínhamos a certeza **de que** o projeto seria lucrativo desde o seu começo.
- 2) Era a certeza **que** precisávamos.

Em ambas as frases, não nos parece haver uma motivação para a inserção ou apagamento da preposição. Nesse caso e em muitos outros parecidos, não há uma funcionalidade específica para a preposição, o que permitiria o seu apagamento; no entanto, os números mostram que há uma preferência pelo uso da preposição desmotivada. Ao longo do trabalho encontramos duas forças agindo, a questão da economia (elipse) e da alternância com a variante \emptyset **que**.

Mesmo que assumamos uma postura givoniana de que a gramática dependa de componentes de externos como a semântica, pragmática ou discurso para tomar forma, temos que levar em consideração questões de escolhas aleatórias por parte daquele que escreve, uma mera questão de estilística inconsciente de acordo com uma adequação ao padrão linguístico que cada um de nós adota ao escrevermos.

Assumimos uma perspectiva de falantes nativos da língua, de sempre mostrarmos adequação ao uso e a forma padrão de acordo com aquilo que acreditamos ser a melhor maneira de comunicar. Ao adaptarmos a nossa comunicação dependendo do meio em que a veiculamos, nos valemos de alguns princípios básicos e intrínsecos que explicaremos a seguir.

4.7 QUANTO À CONSCIÊNCIA SINTÁTICA E SEMÂNTICA

A adequação pode ser resumida como um conceito pragmático que está ancorado no falante, ouvinte, intenção de comunicar, ato comunicativo, representação linguística e contexto.

Como explicado anteriormente, a adequação linguística se beneficia da língua interna e externa. Ela extrai da língua interna a formulação e a interpretação da intenção do falante, e extrai da língua externa a conexão entre a ação comunicativa, as realizações linguísticas entranhadas no contexto social.

Obviamente que o presente trabalho não foi tão longe a ponto de considerar aspectos sociais, contexto, língua interna e externa: fixamo-nos na modalidade acadêmica do PB, nos textos produzidos por estudantes e professores, em busca de um traço em comum dentro desse gênero. Achar a forma adequada e padrão, para mostrar tendências de uso, sempre nos pareceu melhor do que normatizar algo que *a priori* nem os gramáticos brasileiros conseguiram, de forma unificada.

Desde o começo, entendemos que o significado da sentença (de modo geral) é a junção do significado de ambas as partes. Além do mais, o significado de uma sentença complexa advém do significado das suas partes em combinação com a estrutura sintática. Claro que essa proposição nos parece estranha, uma vez que desenvolvemos o trabalho, ou boa parte dele, em cima de orações subordinadas completivas nominais, nas quais a elipse da preposição em nada alteraria o seu significado para um nativo da língua.

E aí encontramos a questão da aceitabilidade, que se refere justamente à intuição do nativo: ele sabe quando uma sentença é aceitável ou não dentro dos padrões da PB, pois o nativo possui um conhecimento inconsciente da sua própria língua que é refletido no seu uso.

Por ora, entendemos que se o falante nativo nada tem a dizer sobre sentenças como:

- 1) A ideia me remete ao fato **de que** ele perdeu nas últimas eleições.
- 2) A ideia me remete ao fato **que** ele perdeu nas últimas eleições.

Estamos inclinados a aceitar a sua maleabilidade dentro do sistema preposicional, propondo tendências, talvez, mas jamais restringindo usos ou desaconselhando-os.

Durante o percurso, entendemos que há uma preferência por parte dos escritores em utilizar o nexos preposicional com orações subordinadas completivas nominais. Já nas objetivas indiretas, o seu uso é bem mais recorrente. Como já demonstrado, casos de dequeísmo estão caindo em desuso.

E eis a pertinência do trabalho, destacar dados de frequências e tendências para mostrar aos alunos de graduação e pós-graduação as tendências mais frequentes de acordo com dados de escritores nativos de PB dentro do gênero acadêmico. O CPBA está aqui com o intuito de servir de base para futuros estudos,

nos quais pretende demonstrar o uso para que os próprios autores possam se basear ao produzir uma redação mantendo o gênero acadêmico.

5 CONCLUSÃO

O presente trabalho acadêmico teve como finalidade desenvolver um aporte teórico sucinto aplicado ao uso do (de)queísmo no Português Brasileiro Acadêmico. Através de uma pesquisa que buscou levantar dados autênticos, fizemos uma análise a fim de encontrar respostas e dados que mensurassem o uso do fenômeno (de)queísta dentro do gênero acadêmico em Língua Portuguesa em algumas das universidades de norte a sul do país.

Na realidade brasileira, só havia uma pesquisa (livro) publicada acerca do tema (de)queísmo, de forma objetiva, e poucos dados levantados que bem explicassem o fenômeno. O trabalho se mostrou único no ramo da linguística nesse gênero, buscando dados de fontes diversas como já mencionado no trabalho, para que pudéssemos bem delimitá-lo.

O aporte teórico foi um tanto abrangente, buscando subsídios teóricos no em Língua Espanhola, Chile, e Língua Portuguesa, Brasil, para que pudéssemos ter algum parâmetro (referencial teórico) ao iniciarmos a nossa pesquisa. Obviamente que o trabalho não se deteve muito em língua espanhola, mas se utilizou de seus conceitos para melhor evidenciar a questão do fenômeno estudado.

Além do (de)queísmo, tratamos de assuntos pertinentes a estrutura da sentença e de questões semânticas e pragmáticas, como a adequação. Partindo do princípio de que a linguagem se subdivide em vários ramos, achamos justo observá-la por diversas óticas dentro da linguística, a fim de obter respostas mais concretas.

Uma vez reunido o aporte teórico acerca do tema, iniciamos com a linguística de corpus para compilar o material estudado. Após uma exaustiva pesquisa por evidências dentro do *Corpus* do Português Brasileiro Acadêmico, encontramos aquilo que acreditamos ser uma tendência dentro do Português Brasileiro Acadêmico. Como já mostrado e exemplificado, o dequeísmo tende a desaparecer, justificando-se pela sua baixa frequência no *corpus*. Já o movimento queísta está mais presente nas orações completivas nominais e nas objetivas indiretas de forma mais unanime, quando poderia ser omitido sem prejuízos à sentença nas completivas nominais.

Com relação aos casos de dequeísmo, partindo do princípio de que somos usuários nativos da língua, não conseguimos imaginar que alguém poderia utilizar tais sentenças, nos fazendo automaticamente crer que tais utilizações foram erros

ou descuidos por parte da revisão. Vale a pena lembrar que o *corpus* foi selecionado de textos publicados por brasileiros falantes de português como L1 em revistas, livros e materiais didáticos. Supostamente falando, todos tiveram que passar por uma revisão e leitura final antes de irem à publicação e os dequeísmos lá estavam.

Ao que tudo indica, a tendência do apagamento do dequeísmo é forte. Assim como mostrado em Mollica (1995), havia uma forte tendência do seu desaparecimento há 20 anos. Se compararmos aqueles resultados com os de hoje, notamos que os números estão ainda menores. A tendência do não apagamento da preposição **de** nas orações completivas nominais também é muito marcante.

Como já mencionado no início do trabalho, não estamos aqui para normatizar a língua, sugerindo a elaboração de uma gramática tradicional ou normativa; pelo contrário, nosso objetivo é mostrar tendências mais atuais pelas quais o PBA está passando, com base em pesquisa e levantamento de materiais de algumas das universidades brasileiras e suas mais diversas áreas.

Esperamos, no futuro, contribuir de muitas formas para que novos estudos surjam a cerca do tema, e que sejam levados adiante em publicações e materiais didáticos de Língua Portuguesa.

REFERÊNCIAS

- AZEREDO, José Carlos de. **Gramática Houaiss da Língua Portuguesa**. São Paulo: Publifolha, 2013.
- BRANDÃO, Cláudio. **Sintaxe Clássica Portuguesa**. Belo Horizonte: Imprensa da Universidade de Minas Gerais, 1963.
- CAMPEDELLI, Samira Yousseff & SOUZA, Jésus Barbosa. **Português, Literatura, Produção de Textos & Gramática**. São Paulo: Saraiva, 2003.
- CAIN, Kate. **Syntactic Awareness and Reading ability. Is there any evidence for a special relationship?** New York: Cambridge University Press, 2007.
- CÂMARA, Junior & MATTOSO, Joaquim. **Estrutura da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.
- CEGALLA, Domingo Paschoal. **Novíssima Gramática da Língua Portuguesa**. 46ª. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2005.
- CUNHA, Celso & CINTRA, Lindsey. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. 5ª. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.
- FEREIRA, Mauro. **Aprender e praticar gramática**. São Paulo: FTD, 2003.
- FETZER, Anita. **Recontextualizing Context: When grammar meets appropriateness**. Philadelphia: John Benjamins B.V. 2004.
- FRIGINAL, Eric e HARDY, Jack A. **Corpus-Based Sociolinguistics: A Guide for Students**. Nova Iorque: Routledge, 2014.
- GIVÓN, Talmy. **Syntax: An Introduction**. Amsterdam: John Benjamins, 2001.
- HAEGEMAN & GUÉRON. **English Grammar: A Generative Perspective**. Oxford: Blackwell Publishers, 1999.
- LADEIRA, José Dionísio. **Problemas de termos regidos pela preposição 'de'**. Dissertação de Mestrado. PUCRJ, 1977.
- MEIRELES, Cecília. **O Romancelero da Inconfidência**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1977.
- MIOTO, Carlos. **Novo Manual de Sintaxe**. 2ª. ed. Florianópolis: Insular, 2005.
- MOLLICA, Maria Cecilia. **(De) que falamos?** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.
- MOUTON, De Gruyter. **Perspectives on individual characteristics and foreign language education: Studies in Second and Foreign Language Education**. Boston: D.G., 2012.

PERINI, Mário Alberto. **Gramática Descritiva do Português**. 4 ed. São Paulo: Ática, 2009.

RABANALES, Ambrosio. **Queísmo e Dequeísmo en el Español de Chile**. Santiago: Universidad de Chile, 2005.

SARDINHA, Tony Berber. **Linguística de Corpus**. Barueri: Manole, 2004.

SARMENTO, Leila Lauer e TUFANO, Douglas. **Português, Gramática e Produção de Texto**. São Paulo: Moderna, 2004.

SERRANO, Maria Jose. **Estudio sociolingüístico de una variante sintáctica: El fenómeno dequeísmo en el español canario**. Michigan: Hispania, 1998.

TAGNIN, S. & ORTWEILLER & VALE. **Avanços da Linguística de Corpus no Brasil: Pesquisa e Crítica**. São Paulo: Humanitas, 2008.